



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOSÉ CARLOS DA SILVA LOPES

## O Discernimento Pastoral na Missão Jubilar

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Porto  
2022



## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	3
<b>ABREVIATURAS</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>1. CAMINHO ATÉ À MISSÃO JUBILAR</b> .....	7
<b>1.1 A Diocese de Aveiro</b> .....	7
<i>1.1.1. A Ação Pastoral de D. João Evangelista</i> .....	9
<i>1.1.2. A Ação Pastoral de D. Domingos da Apresentação Fernandes até D. Manuel de Almeida Trindade</i> .....	12
<i>1.1.3. A ousadia pastoral de D. António Marcelino</i> .....	18
<b>2. DISCERNIMENTO PASTORAL</b> .....	25
<b>2.1. O que é o Discernimento</b> .....	25
<b>2.2. O que é o Discernimento Pastoral</b> .....	26
<i>2.2.1 O Discernimento Pastoral no Vaticano II</i> .....	28
<i>2.2.2. O Discernimento Pastoral no Papa Francisco</i> .....	31
<i>2.2.3. Método da Ação Pastoral e Discernimento Pastoral</i> .....	35
<b>2.3. Discernimento Pastoral na Diocese de Aveiro</b> .....	39
<i>2.3.1. II Sínodo Diocesano – Caminhada Sinodal e discernimento pastoral</i> .....	39
<i>2.3.2. D. António Francisco e o discernimento pastoral no Quinquénio de Pastoral – 2008-2013</i> .....	43
<b>3. O DISCERNIMENTO PASTORAL NA MISSÃO JUBILAR</b> .....	48
<b>3.1. Génese da Missão Jubilar</b> .....	48
<b>3.2. Gestação da Missão Jubilar</b> .....	54
<b>3.3. Organização e Dinâmica da Missão Jubilar</b> .....	56
<b>4. IMPLICAÇÕES NA DIOCESE</b> .....	62
<b>CONCLUSÃO</b> .....	67
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	69
<b>1. Magistério</b> .....	69
<b>2. Livros</b> .....	70
<b>3. Revistas</b> .....	71

## **RESUMO**

O tema deste trabalho é “O Discernimento Pastoral na Missão Jubilar”. Tem como objetivo abordar o projeto da Missão Jubilar, caminho de preparação para a celebração dos 75 anos da restauração da Diocese de Aveiro. O percurso apresenta o discernimento como ponto central do itinerário realizado. Neste processo foram particularmente importantes os passos de olhar para a realidade diocesana, e subsequentes reflexão e decisões tomadas, de modo a que a Igreja Diocesana se sentisse mais missionária e evangelizadora, e sendo caminho de Esperança.

**PALAVRAS CHAVE:** Diocese de Aveiro; Missão Jubilar; Discernimento.

The theme of this dissertation is “The pastoral discernment in Missão Jubilar”. Its objective is to approach the project of Missão Jubilar, this is, the preparation path for the celebration of the 75 years of the restoration of the Diocese of Aveiro. Our excursus points that the discernment was the main aspect in this project. To accomplish this process, the aspects of being aware of the diocesan context, the subsequent reflection and decisions made, were truly necessary moments in order to for this Diocesan Church to become more missionary and more evangelizing, to become a way of Hope.

**KEYWORDS:** Aveiro’s Diocese; Jubilee Mission; Discernment.

## ABREVIATURAS

<i>DCE</i>	<i>Deus Caritas est</i>
<i>DpC</i>	<i>Diretório para a Catequese</i>
<i>DV</i>	<i>Dei Verbum</i>
<i>EG</i>	<i>Evangelii Gaudium</i>
<i>EN</i>	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
<i>GS</i>	<i>Gaudium et Spes</i>
<i>LG</i>	<i>Lumen Gentium</i>

## INTRODUÇÃO

A Diocese de Aveiro é uma parte do território pertencente à Região de Aveiro, envolto entre o mar, a ria e rios.

É uma região onde o tempo tem trazido mudanças a nível cultural, antropológico, sociológico, económico, político e religioso. Com estas mudanças surge de a Igreja estar presente na sociedade.

Estas mudanças levaram à restauração da Diocese de Aveiro. Com o ressurgir da Igreja em Aveiro floresce todo um caminho missionário e evangelizador, feito por Deus e por homens de Deus. É neste sentido que se estrutura o trabalho a ser realizado, centrando-se na temática “O discernimento pastoral na Missão Jubilar”.

O percurso até chegar à Missão Jubilar leva a que se percorra a história da Diocese de Aveiro, onde é apresentada a vontade de olhar para o futuro, num percurso de amor a Jesus Cristo e sempre numa dinâmica evangelizadora e missionária. Por outro lado, o caminho a percorrer tinha, no horizonte de D. António Francisco dos Santos, a Missão Jubilar. Era um projeto a ser realizado na Igreja de Aveiro, onde era proposto a valorização e a realização do ministério da esperança, da bondade e da comunhão. Ao mesmo tempo queria-se, com a Missão Jubilar, fazer caminho em dinâmica missionária para a celebração do Jubileu dos 75 anos da restauração da Diocese.

No entanto, hoje ao fazer-se o percurso, pela vida e ação da Igreja de Aveiro, surge a questão se a Missão Jubilar foi ou não lugar de discernimento pastoral?

Para se poder responder a esta questão é preciso, primeiramente, debruçar-se sobre o discernimento pastoral e o método da ação pastoral utilizado, podendo só depois dar resposta à questão apresentada.

Por outro lado, para se poder responder à questão é importante visitar todo o itinerário percorrido, através do quinquénio de pastoral 2008-2013, para se chegar à Missão Jubilar. Deste modo, é importante analisar o caminho trilhado, pela Igreja diocesana, de modo a se tornar operativa a Missão Jubilar.

O caminho feito, bem como a sua implementação, na Diocese, foi sinal de discernimento pastoral, de renovação de vida e meio de motivação dos cristãos para a missão no mundo. Ao mesmo tempo foram sentidas lacunas, de modo especial no campo da formação e oração.

Ao chegar ao fim o processo da Missão Jubilar, com a celebração dos 75 anos da restauração da Diocese, o pós-Missão Jubilar tencionava ser um impulso de caminho, centrado na Exortação *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, de modo a que todo o dinamismo missionário e evangelizador, não se perdesse. Mas com o terminar, deste percurso pastoral,

houve a mudança de Bispo. No entanto, a mudança do Bispo não implicou suspender o caminho percorrido em Igreja, pois era desejada a continuidade do dinamismo da Missão Jubilar. Essa continuidade levou a apostar-se em propostas de caminho comuns e necessários para a vida e missão da Igreja de Aveiro, sendo eles: a iniciação cristã e a formação cristã.

## 1. CAMINHO ATÉ À MISSÃO JUBILAR

O caminho para a Missão Jubilar engloba todo o percurso feito pela Igreja de Aveiro, desde a sua restauração até à celebração dos 75 anos da restauração da Diocese.

Este percurso manifesta-se, ao longo da história, na integração da Igreja na sociedade aveirense e, ao mesmo tempo, expressa-se no caminho trilhado pelos cristãos que, de olhar fixo em Jesus Cristo, sentem-se impulsionados a realizar a missão da Igreja no mundo e na Diocese de Aveiro.

É com o exemplo e dinamismo, do percurso realizado no tempo, que a Igreja de Aveiro se quer preparar para a celebração dos 75 anos da restauração da Diocese, através da proposta da Missão Jubilar.

Deste modo, será abordado o percurso realizado até à Missão Jubilar.

### 1.1 A Diocese de Aveiro

A Diocese de Aveiro é constituída por uma parte do território referente ao Distrito de Aveiro. É uma Igreja particular que está localizada numa região marcada pelas mudanças culturais, antropológicas, económicas, sociológicas, políticas e religiosas. Estas mudanças, que também são globais, afetam a realidade humana.

É perante a realidade da região, que a Diocese de Aveiro foi criada pelo Papa Clemente XIV, através do Breve *Militantis Ecclesiae gubernacula*<sup>1</sup>, a 12 de abril de 1774, sendo o seu território proveniente da Diocese de Coimbra. Foi extinta em 30 de setembro de 1881, através da Bula *Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus*<sup>2</sup>, do Papa Leão XIII, sendo executada a 4 de setembro de 1882, pelo Bispo do Porto. O seu território foi dividido pelas Dioceses de Coimbra, Porto e Viseu.

Durante este período foram Bispos da Diocese: D. António Freire Gameiro de Sousa (1774-1799), D. António José Cordeiro (1800-1813) e D. Manuel Pacheco de Resende (1813-

---

<sup>1</sup> Cf. Clemente XIV, «*Militantis Ecclesiae gubernacula*», em *Collecção dos Negocios de Roma no Reinado de El-Rei Dom José I, Ministerio do Marquez de Pombal, e Pontificado de Clemente XIV – 1769-1774*, Parte III (Lisboa: s. ed., 1874), 315-317.

<sup>2</sup> Cf. Direção Geral dos Negócios Eclesiásticos, «Execução das Letras Apostólicas de Sua Santidade a respeito da redução e nova circunscrição das Dioceses do Continente do Reino», *Diário do Governo* 208 (15 de setembro de 1882): 2317-2331.



1837), sendo, nos últimos tempos, governada por Vigários Gerais que eram nomeados pelo Arcebispo de Braga.<sup>3</sup>

Após a extinção da Diocese, e dada o facto de tal acontecimento ter sido meramente político e não religioso, surgiu um grupo a favor da restauração da Diocese<sup>4</sup>, que foi composto por alguns Aveirenses ilustres, D. Conceição Maria dos Anjos, D. João Evangelista de Lima Vida e pelo Padre Manuel Miller Simões.

Aveiro era uma cidade que se encontrava em franco crescimento, próximo do porto marítimo, capital de distrito administrativo, tinha um liceu onde se estudava as ciências e as letras e uma escola comercial e industrial. Disponha de recursos económicos, pois a região era composta por terrenos agrícolas férteis, indústrias de cerâmica, pesca e extração de sal. Esta região era atravessada por boas vias de comunicação, fossem elas rodoviárias ou ferroviárias, que levava a uma boa comunicação com o exterior.<sup>5</sup>

Deste modo e diante desta realidade humana, económica e social, e ao mesmo tempo de crescimento do protestantismo, que afastava os cristãos de Jesus Cristo, havia a necessidade da presença da Igreja, junto da população desta região.

Por outro lado, a realidade política em que se vivia era de distanciamento e rejeição da presença da Igreja no âmbito social. Esta época era marcada, ainda, pela implementação da República, fruto de um percurso feito pelas políticas liberais.

O caminho foi longo e implicou tanto a reflexão, bem como a motivação. A fé e a esperança foram os meios que impulsionaram este grupo a dedicar-se à causa da restauração da Diocese de Aveiro.

Fruto desse esforço e dedicação, surge, a 24 de agosto de 1938, a Bula *Omnium Ecclesiarum*<sup>6</sup> do Papa Pio XI, onde é expresso a restauração da Diocese de Aveiro.

Na Bula foi apresentada a constituição territorial da Diocese, paróquias provenientes das Dioceses de Coimbra, Porto e Viseu, a sede do Episcopado, a cidade de Aveiro, e ao mesmo tempo qual era a Igreja elevada a catedral, a Igreja de Nossa Senhora da Glória. Para além destes elementos territoriais, a Bula Papal acentuava a necessidade de se constituir as necessárias estruturas orgânicas, exigidas pelo Código do Direito Canónico, para o governo e

---

<sup>3</sup> Cf. João Gonçalves Gaspar, *Os Bispos de Aveiro e a Pastoral Diocesana* (Aveiro: Diocese de Aveiro, 2007) 11-12.

<sup>4</sup> Fruto de não ser aceite a extinção da Diocese de Aveiro, existiram movimentações para manifestar a discordância, tendo, este grupo, a sua primeira reunião, para promover a restauração da Diocese de Aveiro, foi realizada a 5 de março de 1924. Cf. João Gonçalves Gaspar, *Diocese de Aveiro – Subsídios para a sua história* (Aveiro: Diocese de Aveiro, 2014) 293.

<sup>5</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 295.

<sup>6</sup> Cf. Pius XI, «Constitutio Apostolica Ayeirensis - Dioecesis Aveirensis», *Acta Apostolicae Sedis* 31, nº1 (1939): 5-8.

orientação de uma Diocese, tais como o Colégio de Consultores, o Vigário-Geral, o Seminário, entre outros.

Após a análise da Bula, a mesma foi executada a 11 de dezembro de 1938, pelo nomeado Administrador da Diocese de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal.

Depois da restauração da Diocese de Aveiro, e durante estes cerca 80 de anos de Igreja diocesana, exerceram o múnus de pastor, os seguintes Bispos: D. João Evangelista de Lima Vidal, D. Domingos da Apresentação Fernandes, D. Manuel de Almeida Trindade, D. António Baltazar Marcelino, D. António Francisco dos Santos e, por fim, D. António Manuel Moiteiro Ramos.

### *1.1.1. A Ação Pastoral de D. João Evangelista*

Com a restauração da Diocese de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal<sup>7</sup> foi nomeado Administrador Apostólico de Aveiro e mais tarde Bispo de Aveiro.

Fruto do seu múnus de Bispo em várias Dioceses, fossem nacionais ou Ultramarinas, D. João Evangelista foi um Bispo que conhecia a realidade de Aveiro, dado ser a terra que o viu nascer e de onde imanavam as suas raízes. Estas ligações fizeram com que ele conhecesse esta realidade, nas suas evoluções e ao mesmo tempo nas necessidades.

Diante das necessidades, D. João Evangelista, enquanto Administrador Apostólico e depois Bispo da Diocese, preocupou-se com o cumprimento da Bula Papal.

Por seu turno, o conhecimento da realidade, por parte de D. João Evangelista, fez com que o seu vigor de Pastor o levasse a lutar pela causa da restauração da Diocese de Aveiro, bem como, enquanto seu primeiro Bispo, se dedicasse à missão de estruturar e capacitar a Diocese de estruturas necessárias e capaz de fazer um caminho de vivência dos valores cristãos em seu seio.

---

<sup>7</sup> D. João Evangelista nasceu na freguesia da Vera Cruz, na cidade de Aveiro, a 2 de abril de 1874. Depois do ensino primário frequentou o Seminário de Coimbra e em 1889, foi enviado para Roma, onde frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana, tendo aí conseguido os graus de Doutor em Filosofia e Teologia e o grau de Bacharel em Direito Canónico. Foi ordenado padre, em Coimbra, a 19 de dezembro de 1896. Após a ordenação foi nomeado professor e diretor espiritual do Seminário de Coimbra. Foi Bispo de Angola e Congo (1909-1915), Arcebispo de Mitilene, com o múnus de Vigário Geral do Patriarca de Lisboa (1915-1923), primeiro Bispo de Vila Real (1923-1933), primeiro Superior da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas (1930-1938), Administrador Apostólico de Aveiro (1938-1940) e, por fim, primeiro Bispo de Aveiro (1940-1958). Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 387-388.

Ao por em prática as palavras presentes na Bula, ele dirigiu a sua primeira Pastoral<sup>8</sup> à Diocese, intitulada “Pelo Seminário”, onde expressou o facto de ter sido nomeado para Aveiro não foi da sua vontade, mas sim o cumprimento da vontade de Deus.

Nessa “Pastoral”, D. João Evangelista acentuou a necessidade da fundação do Seminário advertindo que uma Diocese sem Seminário é como um corpo sem alma.

Ao mesmo tempo disse-nos que

«O Seminário é o coração da Diocese, onde se formam e educam os Sacerdotes que hão-de atender às necessidades espirituais e temporais das paróquias e das almas, e acompanhar, com a sua ação e o seu sacrifício, toda a vida moral, todas as aspirações celestes dos pobres peregrinos da vida, dos que vão passando os anseios na terra. Uma paróquia sem o seu Pastor assemelha-se, (...), a uma casa apagada».<sup>9</sup>

A ação Pastoral de D. João Evangelista, tal como nos foi frisado na “Pastoral”, que dirige à Diocese, centrou-se no facto de que todos os cristãos se devem empenhar na necessidade da criação de uma unidade diocesana.

Nesse sentido, se por um lado se preocupou com o Seminário, enquanto instituição e na sua construção, D. João Evangelista dedicou-se, através de outros modos de ação que unificassem. Referência desses acontecimentos foram a realização de Congressos Eucarísticos Diocesanos, a realização do I Sínodo Diocesano e o Congresso Diocesano Catequístico.<sup>10</sup>

Os Congressos Eucarísticos Diocesanos aconteceram, entre agosto de 1940 e junho de 1944, em todos os arciprestados, de modo a que esta ação fosse um meio de convergência de todos os cristãos da Diocese à volta do seu pastor. Para além disso foram um grande contributo para que, em todos os arciprestados e paróquias, surgisse a devoção aos mistérios centrados no altar. O caminho para chegar à valorização, da devoção ao altar, passava por tempos de pregação preparatória do congresso, a frequência dos cristãos nos sacramentos da penitência e da eucaristia. Ao mesmo tempo a motivação fazia com surgisse o entusiasmo na população, a grandeza das cerimónias, a presença de autoridades civis nos atos de culto, a beleza das procissões, bem como sessões de estudo. Este caminho, feito com os Congressos Eucarísticos Diocesanos, levou a um aumento do fervor e do amor a Cristo e ao mesmo tempo à valorização da adoração eucarística.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Cf. D. João Evangelista de Lima Vidal, *Pelo Seminário* (Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 1938).

<sup>9</sup> Lima Vidal, *Pelo Seminário*, 4.

<sup>10</sup> Cf. João Gonçalves Gaspar, *Os Bispos de Aveiro e a Pastoral Diocesana*, 17-33.

<sup>11</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 427.

A realização do I Sínodo Diocesano, também conhecido como Sínodo da Unificação, aconteceu entre 20 de setembro de 1941 e 21 de maio de 1944, com a promulgação das constituições.<sup>12</sup>

Este acontecimento deveu-se ao facto de a Diocese de Aveiro ser proveniente de três Dioceses distintas, Coimbra, Porto e Viseu, cada uma com a sua própria legislação e costumes diferentes, havendo, assim, a necessidade de unificação das orientações.

O percurso dos trabalhos sinodais implicou várias reuniões, do Bispo com os sacerdotes da Diocese, na casa episcopal, no sentido de analisarem e refletirem as matérias a serem tratadas. Com a segunda Guerra Mundial, estes encontros deixaram de acontecer na casa episcopal, devido à dificuldade de deslocação, passando as reuniões de estudo e análise a acontecer nos arceprebendados, sendo posteriormente enviadas, as conclusões, ao Bispo.<sup>13</sup>

Ao longo de três anos o esquema do Sínodo foi ganhando corpo, focando-se nos seguintes pontos: normas gerais, clérigos, religiosos, leigos, sacramentos, lugares e tempos sagrados, culto divino, magistério eclesiástico, seminário, administração dos bens e registos paroquiais.

Após a conclusão dos trabalhos e a promulgação das Constituições, a 24 de maio de 1944, na celebração Eucarística na Sé, o documento final do I Sínodo Diocesano ficou dividido em duas partes: a I parte, intitulada por “Pessoas”, onde apresentava os pontos referentes aos clérigos e leigos; a II parte, intitulada por “Coisas”, apresentava os pontos referentes aos sacramentos, lugares e tempos sagrados, culto divino, magistério eclesiástico, administração dos bens da Igreja e registo paroquial.<sup>14</sup>

As Constituições do I Sínodo Diocesano entraram em vigor a 1 de janeiro de 1945.

Este I Sínodo Diocesano, como referi anteriormente, é também conhecido como Sínodo da Unificação, pois unificava toda a ação e vida da Igreja da Diocese de Aveiro.

Outra das suas linhas de ação, na vida da Igreja diocesana, foi o Congresso Diocesano Catequístico.

O Congresso Diocesano Catequístico surgiu a partir de uma carta da Congregação do Concílio, proveniente de Roma, a informar que se iria realizar um congresso internacional que trataria os temas da formação religiosa nas paróquias, nas escolas, tanto estatais como particulares e, ao mesmo tempo, seria apresentado os regulamentos da formação religiosa e preparação dos catequistas.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Sínodo Diocesano de Aveiro, Constituições do Bispado de Aveiro* (Aveiro: Tipografia Minerva, 1944).

<sup>13</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 445-446.

<sup>14</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Sínodo Diocesano de Aveiro, Constituições do Bispado de Aveiro*.

<sup>15</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 460.

Imbuído por esta proposta da Igreja Universal, e ciente da necessidade diocesana, confiou ao Secretariado Diocesano da Catequese<sup>16</sup> a realização deste Congresso Diocesano Catequístico.

Este congresso realizou-se entre os dias 12 e 16 de outubro de 1949, na Curia. Destinava-se aos sacerdotes e leigos, tendo participação ativa ambas as partes. Os temas tratados no Congresso Diocesano Catequístico focalizaram-se nos seguintes pontos:

«Da pregação dos apóstolos ao catecismo; a restauração das catequese; a liturgia e a catequese; a catequese e a evangelização; a catequese e a família; o fator 'idade' no ensino do catecismo; a missão do catequista; a formação de catequistas; a catequese e as vocações sacerdotais e missionárias; a catequese e o ensino da religião; o professor e o padre na catequese escolar».<sup>17</sup>

D. João Evangelista louvou o caminho percorrido neste Congresso Diocesano, acentuando que ainda havia muito caminho a ser feito, mas louvando a vivacidade como foram discutidos os vários temas, tanto pelos sacerdotes, bem como pelos leigos, de modo especial os professores primários. Foi a partir daquele momento que houve maior tomada de consciência sobre o problema do ensino religioso, havendo assim a necessidade de empenhamento e dedicação nesta causa.<sup>18</sup>

Assim, pode-se dizer que a missão de pastor, exercida por D. João Evangelista na Diocese de Aveiro, teve especial centro na unificação da Diocese, partindo da necessidade de congregar todas as pessoas em torno do Bispo e da promulgação das Constituições da Diocese. Por outro lado, o caminho centrou-se em momentos concretos, começando pela preocupação pelos sacerdotes e pelo Seminário, a relação com a comunidade cristã, na promoção e vivência dos Congressos Eucarísticos Diocesanos, na vivência sacramental e orante, e, por fim, a dinamização e o impulsionar da dimensão formativa de toda a comunidade cristã, com o Congresso Diocesano Catequístico.

### *1.1.2. A Ação Pastoral de D. Domingos da Apresentação Fernandes até D. Manuel de Almeida Trindade*

---

<sup>16</sup> O Secretariado Diocesano da Catequese foi constituído a 29 de março de 1949, sucedendo à Associação da Catequese existente desde 6 de setembro de 1939. Era responsável pelo Secretariado o Padre Amílcar Amaral, tendo como colaboradores o Padre Manuel Caetano Fidalgo e o Padre António Almeida Resende. Cf. Gaspar, *Os Bispos de Aveiro e a Pastoral Diocesana*, 27-28.

<sup>17</sup> Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 460.

<sup>18</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 460.

D. Domingos da Apresentação Fernandes<sup>19</sup> foi o segundo Bispo da Diocese de Aveiro, após a sua restauração.

O seu múnus de pastor na Diocese de Aveiro foi breve, cerca de três anos, devido à sua morte repentina.

No entanto, o caminho trilhado demonstra uma dinâmica pastoral incansável, um amor apaixonado pela Igreja<sup>20</sup>. Foi ousado nos projetos e implementou uma dinâmica inovadora na ação pastoral da Igreja, com as Missões Regionais e as Visitas Pastorais<sup>21</sup>.

A implementação do seu dinamismo de pastor surgiu, ainda enquanto Bispo Auxiliar, com a promoção de encontros com o clero, no dia 11 de dezembro de cada ano, na preocupação com o seminário, devido a não haver capacidade de albergar tantos candidatos, e também a sua preocupação com a catequese, preocupação essa ainda enquanto sacerdote na sua Diocese de origem, em Braga.

O seu zelo pastoral fez com que o seu dinamismo facilmente fosse acolhido no seio da Diocese de Aveiro. A sua preocupação com o clero, impeliu a convocá-lo para a jornada de santificação dos sacerdotes, que aconteceu a 9 de junho de 1961, solenidade do Sagrado Coração de Jesus. Esta jornada teve como finalidade três graças: a convicção de que o mundo precisa da santidade pessoal do sacerdote, a resolução do sacerdote se santificar no exercício do ministério, e a convicção de que na vida, do sacerdote, fielmente vivida se encontra o manancial da santificação.<sup>22</sup>

A sua preocupação para com o clero e com a falta dele, levou a dedicar-se ao seminário enquanto estrutura formativa e residencial. Face ao aumento de candidatos ao seminário e dada a falta de capacidade para acolher todos os candidatos, D. Domingos sentiu a necessidade de abrir o seminário de Nossa Senhora da Apresentação, em Calvão, para receber aqueles que iriam frequentar os primeiros anos de seminário.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> D. Domingos da apresentação Fernandes nasceu em Braga em 3 de maio de 1894. Frequentou o Seminário Conciliar da Arquidiocese de Braga, tendo sido ordenado sacerdote em 25 de maio de 1918. No exercício do ministério do sacerdócio foi notável pela sua atividade pastoral, sobretudo pelo seu jeito organizador. Na sua missão de pastor desenvolveu o apostolado através da imprensa, das missões e pregações e da Ação Católica. Dedicou-se à catequese das crianças, à formação de adolescentes e jovens, ao apostolado junto dos operários e à defesa, segundo a doutrina social da Igreja, dos trabalhadores. Foi assistente nacional da Liga Católica Feminina e escolhido pelos Bispos Portugueses como secretário geral da Junta Central da Ação Católica Portuguesa. Foi ordenado Bispo a 19 de março de 1953, tendo sido nomeado Bispo Auxiliar de Aveiro. Foi nomeado Bispo de Aveiro a 11 de agosto de 1958, pelo Papa Pio XII, tomando posse a 29 de setembro do mesmo ano. Exerceu o cargo de Bispo de Aveiro até à sua morte em 21 de janeiro de 1962. Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 467-468.

<sup>20</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 489.

<sup>21</sup> Cf. Gaspar, *Os Bispos de Aveiro e a Pastoral Diocesana*, 41.

<sup>22</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 499.

<sup>23</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 505-506.

Se os encontros com o clero e a sua formação foram uma necessidade, no sentir de D. Domingos, a formação dos leigos, de modo especial no âmbito da catequese, também foi uma preocupação.

Assim, ainda enquanto Bispo Auxiliar, D. Domingos foi sentindo o desânimo, por parte dos párocos, por causa da falta de formação dos catequistas na transmissão da doutrina cristã. Diante desta necessidade e ao tentar suprir esta falha, em janeiro de 1956 foram realizados cursos de formação para catequistas, em todos os arceprestados.<sup>24</sup>

Assim, D. Domingos, com a ajuda do Secretariado Diocesano da Catequese, promoveu o encontro de pastoral catequética, destinada aos sacerdotes, que aconteceu em finais de agosto e inícios de setembro de 1959.<sup>25</sup>

Perante as dificuldades formativas, no âmbito da catequese, D. Domingos interpelou toda a Diocese para a necessidade de se valorizar e estimular a doutrina cristã, acentuando ser um elemento essencial para a vida da Igreja, seja numa dimensão de evangelização, seja na vivência dos sacramentos, de modo especial da Eucaristia.

Esta interpelação, à Diocese, foi feita através da publicação da exortação pastoral *Exortação sobre a catequese e comunhão solene das crianças*, publicada no Jornal Diocesano a 12 de maio de 1958, que nos diz:

«A catequese é característica essencial da Igreja. Sem catequese de adultos e de crianças não há evangelização, e sem evangelização não se planta nem se enraíza a santa Igreja. Pode a Paróquia dispensar quaisquer associações de piedade ou irmandade, pode existir sem festividades pomposas, mas não pode subsistir sem o culto da divina Eucaristia e sem a transmissão da mensagem do evangelho através da catequese, no altar, no púlpito, nos bancos da escola».<sup>26</sup>

Se D. Domingos se sentia preocupado com a formação, seja do clero ou dos leigos, também sente a necessidade do encontro com as comunidades.

Deste modo, D. Domingos, ciente da necessidade de despertar a fé em todos os cristãos da Diocese de Aveiro, propôs as Missões Regionais, que tiveram início em 27 de julho de 1958 e que foram continuadas pelo seu sucessor, D. Manuel de Almeida Trindade.<sup>27</sup> Estas iniciativas foram inspiradas nas experiências de França e Canadá e na Missão de Milão de 1957, impulsionada pelo Arcebispo Montini, futuro Papa Paulo VI.<sup>28</sup>

As Missões Regionais foram conhecidas como atividade pastoral de evangelização, acontecendo nos arceprestados e incluindo as Visitas Pastorais às paróquias.

---

<sup>24</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 490-491.

<sup>25</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 492.

<sup>26</sup> Domingos da Apresentação Fernandes, «Exortação sobre a catequese e comunhão solene das crianças», *Correio do Vouga* 28, n° 1398 (1958): 5.

<sup>27</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 500.

<sup>28</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 500-501.

A Missão Regional tinha como tema principal o anúncio de Jesus Cristo<sup>29</sup>, fazendo com que fosse um tempo de evangelização do território diocesano. Os objetivos foram:

- «- Desperta a fé (já que praticamente toda a população é batizada);
- Suscitar um desejo sério de renovação de vida cristã;
- Fomentar a participação consciente e ativa na vida da Igreja;
- Gerar convicções que garantam a inteira coerência entre a fé e a moralização de vida;
- Estabelecer instituições pastorais que assegurem de modo estável as condições de ‘conversão dos corações’;
- Levar a todos a mensagem do Senhor».<sup>30</sup>

Foi «um anúncio entusiasmante, fruto de convicções profundas, testemunhado, alegre e contagiante, reduzido ao fundamental, em tom familiar e sem apologética».<sup>31</sup>

As Missões Regionais aconteciam durante cerca de quinze dias em cada paróquia. Durante este tempo, colaboravam leigos, jovens, adultos e casais, bem como os sacerdotes, sempre sob a liderança do Bispo. Nesse tempo existiam encontros de reflexão e formação, ministrados por uma equipa diocesana, onde eram apresentados os temas: «A missão do rapaz (ou da rapariga no mundo); o jovem perante o futuro; o rapaz e a rapariga, a caminho do seu futuro; a missão do homem (ou da mulher) no mundo; a missão da família (esposos) no mundo; a missão da família (pais) no mundo».<sup>32</sup> Para além destes momentos, era dado um acento especial ao espaço de oração e de celebração, tendo por fim a visita do Bispo à paróquia, fazendo dela a sua residência, durante este tempo.

D. Domingos tinha plena noção da missão do Bispo, na Igreja que lhe foi confiada. Neste sentido, num texto seu, publicado após a sua morte repentina, em 1962, ele afirmou:

«Não podem os sucessores dos Apóstolos deixar de ter sempre diante dos olhos aquele momento grandioso, de repercussão decisiva no tempo e no espaço, em que Jesus ressuscitado, em gesto largo, lhes aponta o mundo e os envia como arautos da Boa Nova».<sup>33</sup>

Ao mesmo tempo manifestou-nos qual a missão do Bispo, perante o mandato de Cristo, quando nos afirmou:

«a evangelização dos povos constitui o fundamento da Igreja; ela existe essencialmente para realizar a missão de Jesus Cristo, a saber: espalhar a proclamação fundamental do Evangelho do Senhor, quer aos homens que ainda não são cristãos, quer aos que o não são suficiente».<sup>34</sup>

Nestas palavras, conhecidas após a sua morte, era-nos exposto o percurso de vida de D. Domingos, enquanto Bispo da Diocese de Aveiro. Sente que a sua missão era estar no meio do

---

<sup>29</sup> Cf. Georgino Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II (Aveiro: Centro de Ação Pastoral, 1990), 39.

<sup>30</sup> Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 38-39.

<sup>31</sup> Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 39.

<sup>32</sup> Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 39-40.

<sup>33</sup> Domingos da Apresentação Fernandes, *O primado da evangelização* (Aveiro: Secretariado da Catequese, 1962), 9.

<sup>34</sup> Fernandes, *O primado da evangelização*, 9.



povo, e ao mesmo tempo ser portador do Evangelho para todos, independentemente se eram cristãos ou não. Para ele o centro era viver Jesus Cristo em todo o lugar.

Nesta sua ação pastoral notava-se, bem presente, toda a sua experiência da Ação Católica, vivendo e evangelizando onde o povo se encontra.

Com D. Domingos foi-nos proposta uma visão diferente de Visita Pastoral em que, mais que a simples visita do Bispo, existia tempo de preparação e dinamização, que implicava a formação, a oração e a celebração.

Com a morte de D. Domingos, D. Manuel de Almeida Trindade<sup>35</sup> foi o seu sucessor, tendo continuado o percurso iniciado com as Missões Regionais.

Foi o terceiro Bispo da Diocese e foi um dos Bispos portugueses que participou nas sessões do Concílio Vaticano II, sendo esta experiência marcante no exercício do seu múnus de pastor, na Diocese de Aveiro.

Preocupou-se por dar a conhecer os documentos conciliares, levando à sua reflexão, formação e implementação na Diocese.<sup>36</sup> Por outro lado, a sua escrita na comunicação social foi influenciada tanto na Diocese, bem como em outras Dioceses portuguesas.<sup>37</sup>

De toda a sua ação realizada na Diocese de Aveiro, centralizar-nos-emos nas Missões Regionais.

Assim, D. Manuel assumiu e continuou o trabalho da catequese e as Missões Regionais, com as Visitas Pastorais às paróquias, nos mesmos moldes implementados por D. Domingos.<sup>38</sup>

As Missões Regionais continuavam a ser uma ação pastoral intensa, onde era expresso o fervor de Jesus Cristo tanto no Bispo, como nos padres e leigos. Sentia-se a constante necessidade e importância de mobilização para a missão evangelizadora.<sup>39</sup>

Nesta continuidade das Missões Regionais, iniciadas por D. Domingos, foi valorizada a presença prolongada do Bispo nas paróquias, bem como todo o percurso formativo, reflexivo e

---

<sup>35</sup> D. Manuel de Almeida Trindade nasceu a 20 de abril de 1918, em Monsanto, Idanha-a-Nova, sendo os seus pais naturais do concelho de Anadia, atual território da Diocese de Aveiro e na altura da Diocese de Coimbra. Estudou no seminário de Coimbra e frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, de 1934 a 1940, obtido licenciatura em filosofia e bacharelato em teologia. Após a restauração da Diocese de Aveiro, D. Manuel fica como padre da Diocese de Coimbra, tendo sido ordenado sacerdote a 21 de dezembro de 1940. Foi vice-reitor e reitor do seminário maior de Coimbra e lecionou na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Letras, a cadeira de *Origens do Cristianismo*. Foi nomeado Bispo de Aveiro a 16 de setembro de 1962, pelo Papa João XXIII, tendo tomado posse da Diocese por procuração, a 8 de dezembro de 1962, dado se encontrar a participar na primeira sessão do Concílio Vaticano II. Foi ordenado Bispo a 16 de dezembro de 1962 e entrou na Diocese de Aveiro a 23 de dezembro de 1962. Participou em todas as sessões do Concílio Vaticano II. Foi Bispo de Aveiro até 20 de janeiro de 1988, ficando a residir no seminário maior de Coimbra. Faleceu a 5 de agosto de 2008, tendo sido sepultado em Aveiro, por sua vontade. Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 515-516 e 601.

<sup>36</sup> Cf. Georgino Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, I (Aveiro: Centro de Ação Pastoral, 1990), 49.

<sup>37</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, I, 50-51.

<sup>38</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 541.

<sup>39</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 38.

orante. Tinha a responsabilidade, no âmbito formativo e reflexivo, equipas provenientes da Diocese, constituídas por leigos e sacerdotes, que agiam em duas fases: a primeira sobe a orientação dos leigos, jovens e adultos e a segunda fase sob a orientação dos sacerdotes.

Na primeira fase centrava-se nos objetivos das Missões Regionais, apresentada anteriormente em D. Domingos.<sup>40</sup>

A segunda fase centrava-se mais na dimensão da pregação à comunidade e no encontro com as pessoas em situações especiais, tais como as crianças, os doentes, jovens e pais e mães ausentes.<sup>41</sup>

Com o passar dos anos foram surgindo algumas alterações nas Missões Regionais, deixando se ter a presença de equipas diocesanas, que faziam toda a preparação e formação para depois acontecer a visita pastoral, passando a ser equipas constituídas paroquialmente para o momento. A Missão Regional tinha a eucaristia como o seu ponto alto. Era espaço e tempo de oração e celebração. Também, em toda a Diocese se rezava pela Missão Regional de Aveiro.<sup>42</sup>

Assim, em 1970, de modo especial, na Missão Regional no arciprestado de Águeda, surgiram novas alterações<sup>43</sup>, onde:

«São revistos os esquemas, é acertada a metodologia de lançamento da Missão, convidam-se cristãos daquela zona para orientar os encontros com leigos, organizam-se cursos de preparação em que participam equipas paroquiais e os respetivos párocos, os missionários-padres e leigos e a comissão responsável que, nesta altura, funciona agregada ao Secretariado Diocesano Pastoral».<sup>44</sup>

Com esta nova perspetiva de ação eclesial, a Missão Regional percorreu as restantes paróquias da Diocese, sentindo-se que este caminho foi sempre um modo de renovação e de reavivar o entusiasmo nas comunidades paroquiais.<sup>45</sup>

Apesar de ter sido uma ação frutífera na Diocese, foram apresentadas algumas lacunas a este último modelo de Missão Regional. As lacunas apresentadas centravam-se no facto de: a proposta ser bem definida e preparada com tempo, surge sempre isolada, pois não há continuidade; após D. Domingos, não se sentia uma relação paroquial na Missão Regional, pois as paróquias escolhidas eram unidades isoladas; a presença dos agentes de pastoral, padres ou leigos, reduz-se a um ir às paróquias para as sessões, sem mais implicações na vida da comunidade; os conteúdos, apesar de serem conciliares e apresentarem fundamento cristão, apresentavam uma vertente de transmissão e ensino; a religiosidade popular não era tida

---

<sup>40</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 39-40.

<sup>41</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 40.

<sup>42</sup> Cf. Georgino Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, III (Aveiro: Centro de Ação Pastoral, 1993), 92.

<sup>43</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 544.

<sup>44</sup> Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 41.

<sup>45</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 41.

presente na evangelização da Missão Regional, ficando a faltar a ajuda no crescimento da comunidade nesta dimensão; e por fim, os setores mais ativos eram interpelados à participação em movimentos apostólicos, nomeadamente a Ação Católica.<sup>46</sup>

Depois de terminada a Missão Regional em todos os arceprestados da Diocese, em 1972, e após a auscultação de várias pessoas, D. Manuel Trindade suspende a Missão, passando, a partir daquele ano, a realizar-se simplesmente a Visita Pastoral. Para preparar a Visita Pastoral, o pároco, se assim o entendesse, poderia propor uma semana de pregação, que antecedia a visita do Bispo à paróquia.<sup>47</sup>

Deste modo, com estas alterações, também foram alteradas as temáticas dos trabalhos que antecedia a Visita Pastoral, seja em Missão Regional ou Semana de Pregação. Os temas que seriam abordados centravam-se nas propostas de campanhas ou planos de pastoral diocesanos. Os temas eram na mesma orientados por leigos e desenvolvidos doutrinariamente pelos padres.<sup>48</sup>

Assim, tendo sido as Missões Regionais um impulso para se tornar a Igreja presente em todas as comunidades paroquiais, estes momentos eram marcados pelo estudo, reflexão e oração. Era um momento que fazia o Bispo estar presente e integrar-se na realidade paroquial, tornando a casa paroquial a sua residência.

Com a mudança para a Visita Pastoral, ela

«proporciona assim uma oportunidade única para suscitar a consciência eclesial diocesana, tornando viva e operante a Igreja que, por meio do Bispo e dos seus colaboradores, se faz próxima e familiar, revelando a sua preocupação pela salvação de todos os homens».<sup>49</sup>

Assim, tendo-se terminado com as Missões Regionais e ao ser implementada a Visita Pastoral, a Diocese de Aveiro acabou por perder, pois deixou de existir um tempo de preparação, formação, reflexão e oração, e com isso também se perdeu a dinamização que, este percurso, imponha nas paróquias.

A opção pelas Visitas Pastorais ficou prática corrente para a Diocese a partir de 1972 e durante todo o tempo em que D. Manuel foi Bispo de Aveiro.

### *1.1.3. A ousadia pastoral de D. António Marcelino*

---

<sup>46</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, II, 48-49.

<sup>47</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, III, 93.

<sup>48</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, III, 93.

<sup>49</sup> Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, III, 93.

D. António Baltazar Marcelino<sup>50</sup> foi o quarto Bispo da Diocese de Aveiro, tendo iniciado a sua missão pastoral como coadjutor de D. Manuel de Almeida Trindade.

O seu carisma foi sentido ainda enquanto Bispo coadjutor. Concordando com o Bispo coadjutor, D. Manuel de Almeida Trindade impulsionou a realização anual de algumas iniciativas, que tiveram início em 1982: a Assembleia Diocesana, a 5 de outubro, para o lançamento do ano pastoral e o seu programa; a assembleia de presbíteros, a realizar em finais de dezembro, como tempo de encontro e convívio; o dia do consagrado, no primeiro domingo de fevereiro; e por fim, o dia da Igreja diocesana, a realizar no último domingo de junho, para avaliação e celebração da Eucaristia.<sup>51</sup>

Este seu modo carismático impulsionou D. Manuel Trindade, Bispo residencial, a instituir na Diocese o Diaconado Permanente. Os primeiros Diáconos, depois da devida formação e preparação, foram ordenados a 22 de maio de 1988, pelo D. António Marcelino, já Bispo residencial.<sup>52</sup>

Este fervor de D. António Marcelino mostrou-nos, na sua ação multiforme e intensa, que quis deixar, na Diocese, a marca do Concílio Vaticano II, tendo sempre bem presente o seu lema episcopal «Fazer a verdade na caridade» (*Ef* 4,15), acrescentando, as palavras de São Paulo, como estimulação e expressão dos seus sentimentos, a quando do início do exercício do seu múnus como Bispo residencial: «Darei o que é meu e me darei a mim mesmo pela vossa salvação» (*2Cor* 12,15).<sup>53</sup>

Este seu dar-se incondicionalmente apresentou-nos plenamente o caminho que pretende trilhar ao serviço da Diocese de Aveiro.

---

<sup>50</sup> D. António Baltazar Marcelino nasceu na Lousa, concelho de Castelo Branco, a 21 de setembro de 1930. Depois do percurso de seminário, em Portalegre, frequentou a Universidade Gregoriana, em Roma, onde obteve licenciatura em Direito Canónico. Foi ordenado sacerdote em 1955, exerceu diversos múnus, como professor no seminário de Portalegre, introduziu e acompanhou na Diocese os Cursos de Cristandade, colaborou com vários jornais, participação essa que manteve até aos últimos dias da sua vida, tendo escrito o último artigo para o jornal da Diocese de Aveiro, *Correio do Vouga*. Em Portalegre iniciou a escola de formação de leigos, onde divulgou a doutrina do Concílio Vaticano II. Foi diretor do Secretariado Nacional de Pastoral, entre os anos de 1972 e 1975, ano em que, foi designado Bispo Auxiliar de Lisboa, pelo Papa Paulo VI. Presidiu a comissões da Conferência Episcopal Portuguesa, nomeadamente da família, leigos, comunicações sociais e ação social e caritativa. Foi vice-presidente da Conferência Episcopal Portuguesa e seu delegado junto das Conferências Episcopais da Europa, onde foi presidente da comissão das comunicações sociais. Participou no Sínodo da família e em todos os tiveram como tema a Europa. Foi Bispo coadjutor de Aveiro, de 1981 a 1988, e nomeado Bispo residencial a 20 de janeiro de 1988, tendo exercido o seu ministério pastoral na Diocese até 21 de setembro de 2006, tendo ficado administrador diocesano de Aveiro até 8 de dezembro do mesmo ano. Ficou a residir no seminário de Aveiro, falecendo a 9 de outubro de 2013. As suas últimas palavras citam Mia Couto e terminam dizendo: “A minha casa mora no meu coração. Aí guardo, desde o dia 1 de fevereiro de 1981, um amor chama-se ‘Diocese de Aveiro’”. Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 578-579 e 681-684.

<sup>51</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 583-584.

<sup>52</sup> Cf. Gaspar, *Os Bispos de Aveiro e a Pastoral Diocesana*, 59.

<sup>53</sup> Cf. António Baltazar Marcelino, «Saudação Pastoral», *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995* (Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995), 243.

Impulsionado pelo Sínodo dos Bispos em 1987, com o tema ‘vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo’, bem como pelo Congresso Nacional dos Leigos, realizado em junho de 1988, em Aveiro, com o tema ‘com Maria, renovar a Igreja e evangelizar o mundo’, no seu primeiro ano de Bispo residencial, realizou-se o Congresso Diocesano dos Leigos, aquando da celebração dos cinquenta anos da restauração da Diocese.

Logo após a conclusão do Sínodo dos Bispos, D. António Marcelino acentuou a necessidade de não se colocar de lado o tema da missão dos leigos na Igreja, e sugeriu a criação de uma comissão<sup>54</sup>, motivando à realização de um congresso diocesano.<sup>55</sup>

O Congresso Diocesano dos Leigos teve como lema ‘Sal da Terra, Luz do Mundo’. Com este Congresso foi pretendido pela Diocese:

«um melhor conhecimento da sua realidade humana em todos os campos, levar a Igreja diocesana a rever-se na sua missão em favor dos homens, apreciar e avaliar a sensibilidade e o empenho dos cristãos leigos na edificação da Igreja e na transformação da sociedade, refletir sobre a atual realidade humana e religiosa em conformidade com o projeto de Deus, com a missão da Igreja e com os sinais dos tempos numa orientação para um convicto compromisso apostólico».<sup>56</sup>

Ao mesmo tempo foi pedido aos cristãos leigos da Diocese a necessidade de uma

«séria meditação sobre a vocação batismal e a sua missão eclesial, sensibilizar os membros e as estruturas da Diocese para a necessidade de renovação e para as tarefas apostólicas, contribuir para que os cristãos se sintam e sejam efetivamente ‘sal da terra e luz do mundo’ (Mt 5,13-16), e proporcionar um grande encontro fraterno de reflexão, oração, partilha, convívio e festa a todos os diocesanos de Aveiro».<sup>57</sup>

Esta reflexão foi fruto de um caminho realizado ao longo de um ano, por toda a Diocese, tendo, o congresso propriamente dito, acontecido entre os dias 8 e 11 de dezembro de 1988.

O Congresso terminou com a celebração da Eucaristia na Sé e com a manifestação de alegria pelas ruas da cidade de Aveiro.

Neste Congresso participaram cerca de quatrocentas pessoas, onde foram debatidos os vários temas:

- Participação dos leigos na missão da Igreja e do mundo;
- A instituição familiar numa sociedade de mudança;
- A participação e corresponsabilidade dos leigos na vida e edificação da Igreja;
- O sistema educativo;
- O nosso mundo e as interpelações do laicado cristão.<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup> Esta comissão foi nomeada pelo D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo residencial da Diocese e por D. António Marcelino, Bispo coadjutor. Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 617.

<sup>55</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 617.

<sup>56</sup> Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 618.

<sup>57</sup> Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 618.

<sup>58</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Congresso dos Leigos – Diocese de Aveiro* (Aveiro: Diocese de Aveiro, s.d.), 9-12.

Assim, na conclusão do Congresso foi apresentada a necessidade de se querer ser uma Igreja que deve viver e manifestar a unidade, no meio da diversidade; foi importante tomar consciência da corresponsabilidade da missão apostólica da Igreja; que os leigos eram insubstituíveis mensageiros do evangelho nas suas realidades; que deviam, os leigos, ser sensíveis, animadores e defensores dos valores da família; e perante a importância da escola, os cristãos deviam ter uma presença mais ativa.<sup>59</sup>

Por outro lado, foi realçada a necessidade de estimular o compromisso cristão dos leigos, dar valor aos espaços de diálogo e reflexão, bem como a corresponsabilidade e a participação nas instâncias da Diocese, havendo atenção especial à formação permanente e à espiritualidade.<sup>60</sup>

Ao concluir o Congresso, D. António Marcelino, acentuou a necessidade de sermos uma Igreja em comunhão, privilegiando a formação permanente, estimulando e desenvolvendo a participação responsável, sendo necessário uma presença organizada dos cristãos em ambiente profissional e, ao concluir, destaca a necessidade da abertura da Igreja de Aveiro à sociedade, numa atitude de diálogo e com espírito solidário.

Ao concluir os trabalhos, o Bispo diocesano, lançou um apelo aos cristãos, em jeito de motivação para o futuro caminho que se avizinhava, quando nos dizia:

«Vamos continuar o congresso, porque queremos continuar a ser Igreja, com alegria e em fé. O Sínodo diocesano, que vamos começar a preparar, será, daqui a alguns anos, outra grande etapa do nosso esforço comum de fidelidade a Deus e aos homens e de renovação da Igreja».<sup>61</sup>

Neste caminho trilhado em Diocese, de D. António Marcelino levou a que o discernimento esteja em ordem à ação. Foi tomando consciência da realidade do homem e da fidelidade a Deus que ao terminar o congresso, propôs o caminho para a realização do II Sínodo diocesano.

Na proposta de caminho a ser feito, D. António Marcelino apresentou, na assembleia do clero de 1989, de modo resumido as finalidades do sínodo, esquematizando em quatro pontos: analisar a vida concreta do povo de Deus, lendo os apelos de Deus e a indicação do rumo a seguir; contrastar a vida da Igreja com a mensagem do Concílio Vaticano II e do magistério da Igreja; concretizar as orientações pastorais rumo ao futuro da Igreja diocesana; e estabelecer critérios e normas para a missão evangelizadora da Diocese.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Congresso dos Leigos*, 114.

<sup>60</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Congresso dos Leigos*, 114-115.

<sup>61</sup> António Baltasar Marcelino, «Encerramento do Congresso dos Leigos», *II Sínodo Diocesano*, 260.

<sup>62</sup> Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 624.

Assim, a 1 de janeiro de 1990, tornou-se publico o início de uma nova fase na vida da Igreja diocesana, em que de forma solene, com a leitura, nas eucaristias dominicais, da mensagem de D. António Marcelino, foi anunciando a realização do II Sínodo diocesano.

Na sua mensagem aos cristãos da Diocese, D. António Marcelino dizia-nos que:

«O Sínodo diocesano quer dizer ‘caminhada em comum’ dos cristãos da Diocese, para que todos juntos, bispo, presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, nos esforcemos, de modo organizado e constante, a nossa renovação segundo o Evangelho e na renovação cristã da Diocese, com as suas paróquias, comunidades, serviços, movimentos e instituições».<sup>63</sup>

Ao mesmo tempo apresentou o objetivo pastoral que guiaria o percurso nos próximos anos, ‘Da Comunhão à Missão’. Convida toda a Diocese a um empenho que leva-se a Igreja Diocesana a ser cada vez mais uma verdadeira comunidade cristã e, de modo visível, a ser uma Igreja generosa e pronta servir os homens, e a sociedade aveirense.<sup>64</sup>

Ao olhar o II Sínodo diocesano pode-se ter presente a existência de três etapas.<sup>65</sup>

A primeira etapa foi de sensibilização, que se centrou no pós-Congresso Diocesano de Leigos, com o pulsar da necessidade de existência de um Sínodo, entre os anos de 1989 e 1990, tempo de sensibilização, divulgação e esclarecimento sobre o que é o Sínodo. Durante este período aconteceram reuniões por grupos, movimentos, paróquias e arciprestados, bem como através da divulgação nos meios de comunicação social. Para além destas motivações a dimensão orante esteve sempre presente, com a existência de uma *Oração Sinodal* em que, uma vez por mês, era rezada nas comunidades e grupos, bem como nas eucaristias dominicais.

A sensibilização levou também à constituição de equipas ou grupos de trabalho para reflexão posterior dos vários temas que iriam ser propostos pela comissão do Sínodo.

A segunda etapa centrou-se na concretização, desde o início do Sínodo, mais propriamente a 5 de outubro de 1990, com a apresentação do ano pastoral, até à sua conclusão, em 4 de junho de 1995. No decurso deste tempo foram acontecendo as reuniões dos vários grupos sinodais bem como as assembleias sinodais, que tiveram um lugar preponderante na execução do Sínodo. Ao longo destes anos foram tratados os temas, distribuídos do seguinte modo:

«1990-1991 – Igreja/comunhão: Igreja diocesana, como comunhão orgânica e dinâmica de comunidades, grupos, associações e movimentos (1ª sessão: 9-10 de junho de 1991);

1991-1992 – Paróquia/Comunidade em renovação: paróquia, como comunidade eclesial integrante, comunidade de participação e corresponsabilidade, comunidade aberta e solidária no seio da Igreja diocesana, e escola de formação acessível a todos (1ª parte da 2ª sessão: 1-2 de maio de 1992); paróquia, como comunidade que suscita e educa a fé, que celebra a liturgia e ensina a orar, e que vive e promove a caridade (2ª parte da 2ª sessão: 4-5 de junho de 1992);

---

<sup>63</sup> António Baltasar Marcelino, «Abertura dos trabalhos sinodais», *II Sínodo Diocesano de Aveiro*, 261.

<sup>64</sup> Cf. Marcelino, «Abertura dos trabalhos sinodais», 261.

<sup>65</sup> Cf. Francisco Melo, *A Paróquia tem futuro? - Para uma Paróquia geradora de quotidiano cristão em Aveiro - Do II Sínodo Diocesano aos nossos dias*, (Aveiro: Tempo Novo Editora, 2017), 78.

1992-1993 – Presença e ação dos cristãos no mundo: ser Igreja no mundo, ser cristão na família e ser família cristã no mundo, e ser cristão no mundo, na vida social e na política (3ª sessão: 15-16 de maio de 1993);

1993-1994 – Todos convocados para a missão: chamados em Igreja ao apostolado, responsabilizados por serviços e ministérios laicais, ungidos para o ministério ordenado, constituídos testemunhas de Deus na vida consagrada (4ª sessão: 10-11 de junho de 1994);

1994-1995 – Construtores da comunhão: a comunicação na Igreja, e o uso e a partilha de bens e serviços (5ª sessão: 1 de maio de 1995)».<sup>66</sup>

A terceira etapa centrou-se também na concretização, que vinha desde o dia 4 de junho de 1995 até aos nossos dias. Esta concretização deve-se a que o Sínodo não caiu no esquecimento, mas fosse implementado em cada momento da vida e missão da Igreja diocesana.

A implementação do Sínodo levou à valorização das estruturas, de modo a envolver toda a Diocese no caminho a percorrer, devendo-se destacar o Conselho diocesano de pastoral e a Comissão permanente do Sínodo, a qual deu seguimento às orientações emanadas do Conselho diocesano.

Num outro nível, o percurso do Sínodo foi pautado pela caminhada conjunta<sup>67</sup>, procurando atingir todos, e nisso viu-se a escuta feita à Igreja de Aveiro sobre os temas tratados.

O resultado final do Sínodo não foi só trabalho de alguns, mas um esforço conjunto de todos, na auscultação do povo de Deus. Assim, os temas do Sínodo foram enviados aos vários grupos sinodais, que após a sua reflexão, as suas conclusões foram remetidas para a secretaria do Sínodo.

Para complementar o percurso dos trabalhos sinodais, foram acontecendo várias assembleias sinodais, referidas anteriormente, sempre em ambiente cordial, livre, com diálogo e seriedade. Ao serem tratados os vários temas, também surgiram tensões, diferentes opiniões e dificuldades, mas perante esses momentos, D. António Marcelino dizia:

«Ao encerrar os trabalhos quero começar por sublinhar um ponto importante: a liberdade com que todos quantos quiseram, usaram da palavra e o respeito por todos manifestado pela opinião de cada um. Isto é fundamental na Igreja, na Diocese, nas Paróquias, em todas as atividades pastorais. É muito importante que as pessoas tenham espaço para falar e encontrem acolhimento no que dizem».<sup>68</sup>

Perante o dinamismo dos trabalhos sinodais, houveram várias motivações, sendo de realçar as palavras do Papa João Paulo II sobre o Sínodo de Aveiro, aquando da visita *ad sacra limina*, no ano de 1992, no encontro que teve com os Bispos da Província Eclesiástica de Braga.

---

<sup>66</sup> Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 625-626.

<sup>67</sup> Cf. Georgino Rocha, *Igreja Sinodal – A alegria da missão na sociedade secularizada* (Aveiro, Tempo Novo Editora, 2015), 174.

<sup>68</sup> António Baltasar Marcelino, «Vivei a experiência do Sínodo no vosso dia a dia», *II Sínodo Diocesano de Aveiro*, 284.



No final do encontro, o Papa, ao falar da Igreja em Portugal, e de modo especial do empenhamento na evangelização e na renovação da fé das comunidades, disse:

«Vencida a tendência para a subjectivização da fé, muitos deles (fiéis e leigos) parecem hoje dispostos a dar o melhor de si para tornar possível um tempo de encontro, diálogo e colaboração no discernimento evangélico dos problemas e respetiva solução. São disso exemplo o Sínodo ainda em curso na Diocese de Aveiro, a semana social de 1991 e os congressos diocesanos e nacional sobre os fiéis leigos».<sup>69</sup>

As palavras do Papa foram uma alavanca importante para a continuidade dos trabalhos sinodais, de modo que, todo este empenho, por parte do Bispo, do clero, religiosos e leigos, deu o seu fruto.

Este impulso tanto do Papa, bem como do Bispo e de todos os que participaram na realização do II Sínodo, expressam o sinal da Renovação da Igreja de Aveiro.

Ao II Sínodo Diocesano de Aveiro foi também chamado de Sínodo da Renovação, pois o modo como ele aconteceu e o tempo em que se vivia implicava uma renovação no modo de ação, de reflexão e vivência da oração, sempre à luz dos sinais dos tempos.

Assim, podemos dizer que D. António Marcelino foi um pastor que fez discernimento, apesar de não usar a expressão discernimento, teve bem presente na sua mente o seu significado. A sua capacidade de ver com clareza o caminho a ser trilhado, implicou, sempre, o saber caminhar em conjunto, numa dinâmica sinodal, tendo presente a relação humana e o diálogo com Deus.

---

<sup>69</sup> João Paulo II. *Discurso do Papa João Paulo II aos Bispos de Portugal da Província Eclesiástica de Braga por ocasião da visita «Ad Sacra Limina Apostolorum»*, acedido em 10 de agosto de 2022, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921120\\_portogallo-ad-limina.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/november/documents/hf_jp-ii_spe_19921120_portogallo-ad-limina.html)

## 2. DISCERNIMENTO PASTORAL

Todo o ato de discernir implica um percurso pessoal, mas para o cristão implica sempre um caminho em comunidade, pois o seu horizonte é e será sempre Jesus Cristo.

Este caminho para Cristo, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, é-nos expressada na íntima relação da Igreja com o mundo e os homens de hoje, do seguinte modo:

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberem a mensagem da salvação para comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história». (GS 1)

### 2.1. O que é o Discernimento

A palavra discernimento é proveniente do verbo latino ‘discernere’, composto por ‘cernere’, que significa ver claro, distinguir, e precedido da expressão ‘dis’, que significa entre ou através de. Assim, discernir significa ver claro entre ou observar com muita atenção.<sup>70</sup>

O discernimento, que se realiza através de uma observação vigilante e uma experimentação atenta, tem como fim, orientar-nos na nossa vida.

Assim, o discernimento é uma opção que compete a cada homem e a cada mulher para viver com consciência, para ser responsável, para exercitar a sua consciência, para ser feliz. Deste modo, devemos fazer discernimento quando experimentamos a dureza da escolha, a dúvida, a incerteza, ou procuramos uma orientação para a vida quotidiana ou nas grandes decisões a tomar.

Para nós cristãos, o discernimento significa escutar o Espírito, escutar a voz de Deus que fala no coração do homem, na criação e nos acontecimentos da história. Requer que se saiba reconhecer antes de tudo esta voz entre muitas vozes, na consciência de qua a voz de Deus não se impõe, não comanda, mas sugere e propõe, de modo silencioso.

Discernir implica uma dinâmica própria do ato de fé, pois implica uma leitura cristológica da realidade, sob a ação do Espírito Santo. Esta dinâmica inclui investigação e disponibilidade para acolher as propostas espirituais, mesmo não conhecendo ou resolvendo os problemas, de modo antecipado, implica exercitar a leitura dos sinais dos tempos.<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> Cf. António de Moraes Silva, «Discernimento», em *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, editorial Confluência, 10ª ed., vol. 4 (Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1952), 92.

<sup>71</sup> Cf. Luís M. Figueiredo Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar* (Lisboa: Escrytos), chap 5, Kindle.

De modo resumido, discernimento é a compreensão segura da vontade de Deus em cada tempo, lugar ou circunstância.

## 2.2. O que é o Discernimento Pastoral

A expressão discernimento expressa-se na necessidade de ser capaz de ver claro, de saber observar.

A pastoral, ou a ação pastoral, é a ação da Igreja, animada pelo Espírito Santo, para atuação, no tempo, do projeto de salvação de Deus sobre o homem e a história, nas diversas situações concretas da vida.<sup>72</sup>

Para nós cristãos, o discernimento pastoral implica a escuta do Espírito, escutar a voz de Deus que fala ao coração do homem, na criação e nos acontecimentos da história. Requer, primeiro de tudo, o reconhecer a voz perante as muitas vozes, de modo a que a voz de Deus não seja uma imposição, mas sim uma proposta de vida e de escuta no silêncio do coração.

Neste sentido, o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, também clarifica o que é o discernimento pastoral, quando diz: «Cada cristão e cada comunidade há-de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede» (EG 20). Um discernimento pastoral capaz de levar ao projetar da ação pastoral, «que eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana» (EG 242). Não é um momento, mas uma qualidade específica, que sempre acompanha o agir do cristão e da comunidade.

Este discernimento parte sempre do encontro pessoal com Jesus Cristo (cf. EG 3). Sem a fé, o discernimento pastoral é impossível. Exige a arte da escuta, que é mais que ouvir, e que se traduz na capacidade da proximidade com o outro, de modo a que «a escuta ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores» (EG 171), mesmo quando essa palavra seja determinada por ocasiões de silêncio (cf. DCE 31). Uma escuta que pressupõe que aquele que evangeliza tenha o cheiro de ovelha «abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo» (EG 24).<sup>73</sup>

Deste modo, o discernimento pastoral, que tem como sujeito a comunidade cristã e é dom do Espírito Santo, que implica que haja limpidez de consciência, liberdade interior e disponibilidade para o novo e para as surpresas de Deus.

---

<sup>72</sup> Cf. Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 4.1.3.

<sup>73</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 217-225.

Perante isto, o Papa Francisco firma na *Evangeli Gaudium*, que o discernimento pastoral passa por reconhecer, interpretar e escolher (EG 51).

Nesta perspectiva, todo o discernimento implica sempre a ação da oração<sup>74</sup>. Por isso, reconhecer, interpretar e escolher leva a que o sujeito da ação faça a experiência do silêncio, para melhor discernir a ação a tomar.

Fazer discernimento implica momentos concretos, que se centra numa proposta itinerário a ser feito. Estes momentos são: a formulação da questão; a disposição partilhada de se colocar diante de Deus; e reflexão pessoal e em comum; a partilha e permuta sobre a questão em causa; e por fim, a decisão.<sup>75</sup>

No primeiro momento, a formulação da questão deve ser feita a partir da avaliação da sua relevância e pertinência pastoral, e apresentação das suas dimensões.

O segundo momento, a disposição partilhada de se colocar diante de Deus leva a procurar de coração livre e disponível a vontade de Deus, através da oração pessoal e comunitária. Este momento não deve ser separado, mas transversal a todos os momentos.

O terceiro momento, a reflexão pessoal e em comum visa em uma modalidade específica: a vivência do silêncio e da concentração pessoal são enriquecidos pelo dom da presença e da partilha de todos.

O quarto momento centra na partilha e permuta sobre a questão em causa. Neste momento, mais que um debate, implica uma escuta atenta em clima de fraternidade e oração, que pode prever um aprofundamento do tema.

O quinto momento é de decisão. Mais que a decisão ser a opção da maioria, ela compete ao pastor. No entanto, o pastor deve saber que o discernimento pode impor não decidir ou o adiar a decisão, seja porque é precisa uma ulterior iluminação, ou porque a decisão iria ferir gravemente a unidade da comunidade, ou ainda por outra razão de força maior.<sup>76</sup>

Contudo, a decisão não pode ser arbitrária da parte do pastor. O discernimento, como vimos anteriormente, não se faz sozinho, mas implica o outro e a comunidade ou a realidade onde nos encontramos inseridos. Neste sentido, para alcançarmos a operatividade do discernimento pastoral é necessária a integração de critérios de ação eclesial, como meio de renovação e de revitalização das comunidades.<sup>77</sup> A integração destes critérios pressupõe a relação entre a fé/palavra de Deus e a realidade/ações concretas; oração feita com humildade e com a certeza de que Deus conduz a Sua Igreja; e por fim, partilha que seja de escuta de opinião do outro sem a existência de julgamento.

---

<sup>74</sup> Cf. Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.2.2.

<sup>75</sup> Cf. Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.2.2.

<sup>76</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 226.

<sup>77</sup> Cf. Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.

Assim, pode-se ver que a oração é sempre o momento determinante do discernimento da ação pastoral, tal como nos diz o Papa Francisco: «sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, batendo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se» (EG 262).

### 2.2.1 O Discernimento Pastoral no Vaticano II

O Concílio Vaticano II surge fruto de um caminho trilhado ao longo de 2000 anos de história da Igreja.

Ao convocar o Concílio, no pensar do Papa João XXIII não era, de maneira nenhuma, para levar a exclusões, anatematizações nem para determinar dados da fé. Mas seria para que a Igreja pudesse dar um passo em frente no reconhecimento da sua identidade, renovação e missão, de modo a compreender e se relacionar com o mundo, fundamentada no retorno às fontes, sejam as da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, a fim de se adaptar às circunstâncias atuais do mundo, centrando-se em dinamizar a Igreja na sua missão evangelizadora e com o desejo de ver a verdade do Evangelho congregar todo os povos.<sup>78</sup>

Tanto no Concílio Vaticano II bem como na reflexão pastoral e na ação da Igreja, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* é o exemplo pastoral para a realização do diálogo da Igreja com o mundo, que a Igreja ao longo da história é convidada a fazer. Deste modo, a *Gaudium et Spes* constitui o fundamento teológico que leva a uma maior clareza do conceito de mundo, Igreja, Pastoral e, ao mesmo tempo, a relação da Igreja com o mundo e o seu agir nele.<sup>79</sup>

Esta Constituição Pastoral, último documento a ser aprovado, só é compreensível fundamentando-se nas três constituições dogmáticas anteriores, «onde se torna perceptível o papel central da palavra de Deus e da Tradição (*Dei Verbum*), da celebração da fé em comunidade visível e escatológica (*Sacrosanctum Concilium*) e da identidade de povo que caminha para Deus (*Lumen Gentium*)»<sup>80</sup>.

Neste sentido, o Concílio, de modo especial a *Gaudium et Spes*, deve ser lido à luz do critério *aggiornamento*, em português traduzido por atualização. Para o Concílio, e no caminho proposto pelo Papa João XXIII à Igreja, *aggiornamento* é a continua renovação do modo como

<sup>78</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 190-191.

<sup>79</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 191.

<sup>80</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 3.1.2.

é anunciado o Evangelho, tendo sempre como centro a relação da Igreja com o mundo de hoje. Falar de atualização implica algo de novo, ou seja, atualizar-se, rever algo que possua, de modo a ser capaz de acompanhar o tempo e a realidade do hoje.<sup>81</sup>

A necessidade de constante atualização levou a que no processo de elaboração da *Gaudium et Spes* estivesse bem presente a dimensão pastoral, pois implicava a presença da Igreja no seio da sociedade, levando a um confronto com o mundo moderno e ao mesmo tempo a uma renovação teológica, tanto do mundo bem como da história. Mas para que tudo isto possa acontecer é necessário que o crente possa abandonar comportamentos ou medos de se assumirem como cristãos e ao mesmo tempo portadores do Evangelho.

«(...) É dever de todo o Povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo conveniente.

Como a Igreja tem uma estrutura social visível, sinal da sua unidade em Cristo, pode também ser enriquecida, e de facto o é, com a evolução da vida social. Não porque falte algo na constituição que Cristo lhe deu, mas para mais profundamente a conhecer e melhor exprimir e para a adaptar mais convenientemente aos nossos tempos. Ela verifica com gratidão que, tanto no seu conjunto como em cada um dos seus filhos, recebe variadas ajudas dos homens de toda a classe e condição. Na realidade, todos os que, de acordo com a vontade de Deus, promovem a comunidade humana no plano familiar, cultural, da vida económica e social e também política, seja nacional ou internacional, prestam não pequena ajuda à comunidade eclesial, na medida em que esta depende das realidades exteriores» (GS 44).

Deste modo, somos impulsionados a sermos rosto do Evangelho, sem medos ou receios de como o mundo nos olha. Por outro lado, a Constituição valoriza e convida a que saibamos estar implicados no mundo e na sociedade, em todas as missões que nos possam ser atribuídas. É nessa perspetiva que o Concílio nos chama a ser voz ativa no mundo e na história.

Ao mesmo tempo, o lugar da Igreja e a sua missão é a de ser promotora da dignidade humana e fazer com que o homem possa agir «segundo a própria consciência e por livre adesão» (cf. GS 17).

A liberdade leva a que a própria Igreja sinta a importância de se reencontrar

«na sua missão de propor o Evangelho à livre opção de cada homem, e de colocar as suas (da Igreja) energias ao serviço do bem comum (cf. GS 42). Assim, a Igreja não pede outra coisa que a liberdade de acreditar e de pregar a sua fé, amar a Deus, de O servir e de poder levar aos homens a sua mensagem de Vida».<sup>82</sup>

Isto leva a que, o ser-se Igreja, seja apresentado numa dinâmica de serviço, na relação com o mundo e com a história da humanidade, de maneira a que tudo o que é humano deve ter lugar no seio da Igreja (cf. GS 1).

---

<sup>81</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 191.

<sup>82</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 192.

Se por um lado pode parecer simples, esta relação e inserção do homem com o mundo, por outro nem tanto. Assim, a *Gaudium et Spes* empenhou-se em recompreender a relação da Igreja com o mundo. Fê-lo de modo consciente da bondade do mundo, tomando consciência da história e da ação que é convidada a desenvolver em cada dia, na fidelidade ao projeto de Deus, à ação do Filho e à presença atuante do Espírito Santo. Deste modo, a Igreja assume o seu agir no mundo com a consciência de que a salvação de Deus faz parte da história do homem e do mundo, mesmo que o homem não a reconheça.<sup>83</sup>

A preocupação da relação da Igreja/mundo é sinal de ir ao encontro do outro, não partindo da fé, mas tendo como ponto de partida

«o dado da fé só é possível para textos dirigidos aos crentes. Mas quando o Concílio se quer dirigir a todas as pessoas “de boa vontade” aquele método não é eficaz, pois contém pressupostos que não são aceites por todos. Em vez de ser promotor de diálogo, poderia levar a posturas de intransigência.

Os dados da Revelação são tratados na *GS* não como um dado pressuposto, mas como um tesouro que a Igreja possui e que oferece a todas as “pessoas de boa vontade”, como dádiva e partilha da sua própria experiência que os crentes partilham com os seus contemporâneos. Este facto é tanto mais evidente, quando se verifica que o Concílio vê no ateísmo, muitas vezes, uma consequência da vida dos crentes que impedem os contemporâneos de chegar à experiência da fé».<sup>84</sup>

O ir ao encontro do outro tem de ser gerador de vida. Assim, o Concílio apresenta a Revelação como manifestação de Deus, ressaltando o modo e a pedagogia como se realiza, afirmando: «Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, seu mediador e plenitude da Revelação. Ele é o comunicador pleno e definitivo do Pai, o evento último para o qual convergem todos os eventos da história da salvação».<sup>85</sup> É através de Jesus que vivemos a plenitude da Revelação de Deus, pois Ele é a Palavra. Deste modo, a fé cristã e a Revelação de Deus, na história dos homens, não é algo teórico. A Revelação é a simultaneidade entre ação e palavra, como nos diz a *Dei Verbum*:

«Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação» (*DV 2*).

A fé, o ato crente e a Salvação não podem ser coisas teóricas e apenas escritas: são factos reais, acontecimentos, intervenção concreta de Deus na vida e na história do homem. Por isso, encontramos sempre o protótipo desta ação divina no Princípio da Encarnação:

---

<sup>83</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 193.

<sup>84</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 3.2.

<sup>85</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 1.1.3.

«Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude. “Imagem de Deus invisível” (Col. 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado». (GS 22)

Portanto, o lugar da Teologia Pastoral, em concreto através do discernimento pastoral, é procurar refletir e perceber o agir de Deus num tempo, lugar concreto e na história do homem.

A missão da Teologia Pastoral é ver e perceber como Deus se faz presente e age quer em nós, quer por meio de nós em outros. Por isso, a Teologia Pastoral é um método de discernimento da ação de Deus no mundo contemporâneo. O primado da ação está em Deus e não naquilo que se faz. A ação parte sempre de Deus. Deste modo, a ação pastoral procura responder ao que Deus sugere, pede e manifesta, nos mais variados modos.

Deste modo, podemos dizer que:

«O conteúdo da Revelação foi totalmente entregue por Cristo, e com Ele está concluída toda a Revelação salvífica. Não obstante, ainda que a Revelação esteja acabada, não está ainda completamente explicada. Os apóstolos não puderam explicar todo o conteúdo da Revelação. Esta tarefa corresponde agora à Igreja. Decorre daí que o conteúdo da Revelação seja captado pelas pessoas de cada época conforme seu horizonte de compreensão e o esforço evangelizador da Igreja. Assim se mantém vivo o dinamismo da Revelação. Conhecer hoje a Revelação não consiste em simples fidelidade ao passado; é também, e sobretudo, abertura ao futuro, atualização da mensagem cristã (cf. DV 2-4)».<sup>86</sup>

### 2.2.2. O Discernimento Pastoral no Papa Francisco

Desde a sua eleição, o Papa Francisco, tem utilizado várias expressões e interpelações à Igreja, que impele a um caminho de discernimento pastoral e de sinodalidade.

Ambas as duas realidades se encontram em consonância e são impulsionadoras para a vida e ação da Igreja, na cultura e sociedade dos nossos tempos.

No início do seu ministério, na sua primeira homilia, o Papa Francisco utiliza três verbos, «caminhar, edificar e confessar»<sup>87</sup>, onde convidava os cardeais a «conceber a vida e a ação eclesial como movimento de caminho, edificação e confissão».<sup>88</sup>

<sup>86</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 1.1.3.

<sup>87</sup> Cf. Sérgio Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2021), 28.

<sup>88</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 28.



Se na sua primeira homilia, perante o conclave, o Papa Francisco usa, as expressões caminhar, edificar e confessar, nas suas intervenções posteriores, sempre numa perspetiva de caminho de Igreja.

Ele aponta a sinodalidade como caminho conjunto, de modo itinerante, dado é através desta dinâmica que se caracteriza a identidade da Igreja<sup>89</sup>, acentuando:

«Caminhar juntos é a via constitutiva da Igreja; a peculiaridade que nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus; a condição para seguir o Senhor Jesus e ser servos da vida neste tempo ferido».<sup>90</sup>

Assim, na visão do Papa Francisco, caminhar juntos implica que todos e cada um se sinta parte integrante no caminho. Não pode haver nem distinções, nem separações, independentemente da nossa condição. O caminho é tarefa de todos os batizados. Deste modo, o Papa Francisco acentua que o caminho sinodal tem como objetivo abarcar todo o Povo de Deus. Sente que é um caminho exigente, mas necessário de modo a que toda a Igreja possa desenvolver a sua missão e ser testemunho de alegria e beleza do caminho em conjunto.<sup>91</sup>

Por outro lado, o caminho sinodal proposto pelo Papa implica a comunhão entre todos os batizados, onde aponta as exigências, dificuldades e obstáculos, alegrias e belezas do modo de se ser Igreja que peregrina e que tem o «olhar fixo em Jesus».<sup>92</sup>

Todavia, segundo Sérgio Leal, fazer caminho sinodal é tomar consciência do ser Igreja, continuando a obra de Cristo na história, encontrando-se com os homens do seu tempo, num caminho, segundo o Papa, que deve ser de ‘discernimento espiritual e pastoral’ e de ‘um verdadeiro caminho de discernimento que adote os meios pastorais adequados’.<sup>93</sup> Ao mesmo tempo acentua que deve ser

«uma Igreja sinodal, que caminha com todos e que a todos quer chegar, é uma Igreja que vive permanentemente numa atitude de discernimento espiritual e pastoral, procurando, em cada tempo e lugar, em cada situação e contexto, o que Deus quer dizer à Igreja, e que resposta a Igreja deve oferecer para ser mais fiel à sua missão evangelizadora».<sup>94</sup>

Este caminho de sinodalidade, que nos apresenta o Papa Francisco, expressa a necessidade de um caminho conjunto, que leva à proximidade e acolhimento. Neste sentido, estão implicados diretamente os pastores, os bispos, desafiados a viver o ministério de modo sinodal e num espírito de serviço humilde e generoso, sempre num dinamismo de proximidade.

---

<sup>89</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 30.

<sup>90</sup> Francisco, «Discurso do Papa Francisco por ocasião da abertura da 70ª assembleia geral da Conferência Episcopal Italiana», acessado a 17 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco\\_20170522\\_70assemblea-cei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170522_70assemblea-cei.html)

<sup>91</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 31.

<sup>92</sup> Cf. Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 32.

<sup>93</sup> Cf. Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 32.

<sup>94</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 32-33.

É no espírito do caminhar conjunto, que o Papa desafia os novos bispos a exercerem o seu ministério num

«lugar de proximidade e encontro, presença misericordiosa e solícita no caminho de todos os homens e mulheres: caminhar com todos, fazendo-se tudo para todos (cf. 1Cor 9,22), manifestando ao mundo uma Igreja que vive na sua ação aquilo que está presente na sua identidade, uma Igreja que é ícone da Santíssima Trindade e se apresenta ao Povo que caminha na unidade do Pai, Filho e Espírito Santo».<sup>95</sup>

Deste modo, a sinodalidade realiza-se no caminhar conjunto, envolvendo o Povo de Deus e expressando a beleza de um itinerário de discernimento pastoral e evangélico, na proximidade e acompanhamento, de modo a transformar o modo de vida do ministério pastoral. Neste sentido, ser-se Igreja sinodal implica conceber a missão eclesial como itinerante<sup>96</sup>, tal como diz o Papa Francisco:

«O Sínodo é uma expressão eclesial, ou seja, é a Igreja que caminha unida para ler a realidade com os olhos da fé e com o coração de Deus; é a Igreja que se questiona sobre a sua fidelidade ao depósito da fé, que para ela não representa um museu para visitar nem só para salvaguardar, mas é uma fonte viva na qual a Igreja se dessedenta para matar a sede e iluminar o depósito da vida».<sup>97</sup>

Se por um lado, na interpelação à vivência da sinodalidade, o Papa Francisco impele a caminhar juntos, por outro apresenta o discernimento como um novo impulso. Para ele, «as ações e as decisões devem ser acompanhadas de uma leitura atenta, meditativa, e orante dos sinais dos tempos. O Papa não faz discernimento sobre ideias, mas sobre a realidade, sobre a História e, de modo particular, sobre a história concreta da Igreja».<sup>98</sup>

Assim, nos primeiros tempos do seu pontificado, o Papa Francisco dirige, a todos, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Através dela ele clarifica o que entende por discernimento pastoral, quando diz que «cada cristão e cada comunidade há de discernir qual o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (EG 20). Um discernimento pastoral capaz de levar ao projetar da ação pastoral, «que leva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana» (EG 242).<sup>99</sup> Não é um momento, mas uma qualidade específica, que sempre acompanha o agir do cristão e da comunidade.

---

<sup>95</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 34.

<sup>96</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 34.

<sup>97</sup> Francisco, «Discurso do Papa Francisco no Sínodo da Família 2015», acedido a 17 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151005\\_padri-sinodali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151005_padri-sinodali.html)

<sup>98</sup> Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 121.

<sup>99</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 224.

Deste modo, o discernimento pastoral parte sempre do encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se encontrar com Ele (cf. *EG* 3), pois sem a experiência da fé, o discernimento pastoral não é possível.

Contudo, o discernimento feito pelo cristão e pela comunidade é

«para descobrir o caminho que o Senhor pede (cf. *EG* 20), e que, concomitantemente com a fé, exige a arte da escuta, que é mais que ouvir, e que se traduz na capacidade da proximidade com o outro e a vida concreta e ajuda a individuar o gesto e a palavra oportunos (cf. *EG* 171), mesmo que essa palavra adequada seja em determinadas ocasiões o silêncio (cf. *DCE* 31). Uma escuta que propõe que os evangelizadores tenham cheiro de ovelhas, porque “com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sufocada de Cristo no povo” (*EG* 24)».<sup>100</sup>

Assim, o discernimento pastoral deve ser sempre feito, não numa análise de dados, mas tendo em conta os dados da fé e ao mesmo tempo, toda ação da Igreja deve ser impelida a estar com Jesus Cristo. Neste sentido, e querendo o Papa Francisco apresentar novos rumos para a Igreja, diz que

«O bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma (cf. *At* 4,32). Para isso, às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas. Na sua missão de promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária, deverá estimular e procurar o amadurecimento dos organismos de participação propostos pelo *Código de Direito Canónico* e de outras formas de diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos, e não apenas alguns sempre prontos a lisonjeá-lo» (*EG* 31).

É, deste modo que é apresentado o lugar daquele que tem a missão de pastorear. Ele deve ser sinal de comunhão, ser impulsionador da missão e, ao mesmo tempo, ser aquele que faz caminho em e com a comunidade, seja à frente, seja no meio ou no final. O necessário é a comunidade sentir a presença do pastor que cuida.

Este lugar do pastor vai mais longe, não se cingindo simplesmente na necessidade de estruturas, mas acentuando que «o objetivo destes processos participativos não há de ser principalmente a organização eclesial, mas o sonho missionário de chegar a todos» (*EG* 31).

Todavia, o discernimento pastoral tem como sujeito a comunidade cristã, que é dom do Espírito Santo, implica clareza de consciência, liberdade interior, disponibilidade para acolher algo de novo e disponível para a ação de Deus.<sup>101</sup> É no seio da comunidade que cada cristão deve saber «discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a

---

<sup>100</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 224-225.

<sup>101</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 225.

aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (EG 20).

Esta vontade evangelizadora do Papa Francisco apresenta a necessidade de motivar para renovar o impulso missionário. Assim, o discernimento pastoral necessita sempre e necessariamente de espaço de silêncio e tempo de oração, tal como nos é acentuado:

«é preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração». (EG 262)

A realidade e o tempo em que vivemos exige, de cada cristão, desenvolver uma profunda capacidade de discernimento, pois sem discernimento não podemos caminhar, ficando moribundos. Assim, diz o Papa Francisco que é preciso

«Discernir entre todas as vozes, qual é a voz do Senhor, qual é a voz d'Ele, que nos conduz à Ressurreição, à vida, e a voz que nos livra de cair na “cultura da morte”. Precisamos de “ler a partir de dentro” o que o Senhor nos pede, para viver no amor e ser continuadores desta sua missão de amor. Rezemos juntos para que toda a Igreja reconheça a urgência da formação para o discernimento espiritual, a nível pessoal e comunitário».<sup>102</sup>

### 2.2.3. Método da Ação Pastoral e Discernimento Pastoral

A Teologia Pastoral procura refletir a experiência de Deus num tempo, lugar concreto e na história do homem. Assim, a Pastoral consiste na ação que tem como sujeito a Igreja, a comunidade eclesial e, o povo de Deus, realizadora da ação pastoral. A Teologia Pastoral tem, assim, como sujeito a comunidade eclesial, ocupando-se com todo o processo pastoral e não com as ações. A Teologia Pastoral ocupa-se do sujeito, de como agir, de como fazer chegar Deus ao coração e à vida de cada pessoa.

A reflexão sobre que se ocupa a Teologia Pastoral recorre ao método de discernimento da ação de Deus no mundo de hoje, estando toda a ação centrada em Deus e não naquilo que se faz. «Assim se percebe que de facto Deus, que criou o Homem para a salvação na comunhão eterna com Ele, age no coração do Homem porque o cria radicalmente constituído para ser seu filho no Filho, o Deus-homem».<sup>103</sup>

A Teologia Pastoral parte sempre da compreensão do agir de Deus e da sugestão de como deve ser o agir da Igreja para nos mostrar Deus. Mais que reconhecer que toda a Teologia

---

<sup>102</sup> Diego Fares, «O Papa Francisco e o discernimento [Espaço Vita, 20 de março de 2018]», Braga, 2018, [http://www.youtube.com/watch?v=\\_KONkwO9MKA](http://www.youtube.com/watch?v=_KONkwO9MKA).

<sup>103</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 209.

tem uma dimensão pastoral, é preciso identificar o conteúdo e o ato de fé como realidade, como agir eclesial. Ao ser identificada permite determinar o objeto formal da disciplina e a sua opção metodológica. Deste modo,

«A Encarnação é o princípio heurístico do homem, do mundo, da ação salvífica de Deus e, conseqüentemente, da ação da Igreja. A salvação de Deus que acontece no Seu querer assumir a condição humana é evento histórico como assunção da natureza humana, como existência contínua do ‘Logos’ na carne, e como mistério de salvação global. Esta é a condição estrutural constitutiva da ação salvífica».<sup>104</sup>

O Princípio da Encarnação apresenta Deus que se fez homem e habita no meio de nós. Esta Sua presença faz com se possa participar da Sua condição divina.

«A Encarnação faz-nos descobrir a ontologia original do homem, mas ao mesmo tempo faz-nos perceber integralmente o seu ser, a sua existência, ação e cumprimento escatológico. E à luz da Encarnação que o mistério Pascal ganha a sua verdadeira força salvífica para nós, pois só à luz da Encarnação vemos que é o próprio Deus que se entrega por nós na cruz e nos garante o futuro pela ressurreição, na qual nos chama a participar. E é na ressurreição que percebemos a pré-existência de Cristo, o garante do significado salvífico da Encarnação em todo o mistério e grandeza para nós».<sup>105</sup>

Ao habitar no meio de nós também apresenta do caminho de salvação, pois Deus salva o Homem através do Homem, por gestos e palavras. Esta manifestação de Deus através de Jesus Cristo expressa, no prólogo de São João, este «Verbo fez-se homem e veio habitar connosco» (cf. *Jo* 1,14). A Encarnação apresenta a ação, ou seja, a totalidade da pessoa e da sua realidade de modo que o seu agir seja expressão da fé. Assim, a Teologia Pastoral encarrega-se, de maneira fundamentada pelo Princípio da Encarnação, de procurar descobrir Deus no agir do homem e na sua realidade concreta.

Neste sentido,

«A Encarnação determina que o objeto da Teologia Pastoral é a ação eclesial humano-divina na sua projetualidade e atuação no aqui e agora, e que se configura na ação salvífica. Esta ação não é efeito sucessivo da ação eclesial, antes está dentro da ação eclesial na qual o Verbo encarnado é mediação única e irrepitível, porque em si está a unidade entre o real e o significado».<sup>106</sup>

Isto leva a revisitar a definição de Pastoral dada por Tonneli. Pastoral é a ação multiforme da comunidade eclesial, animada pelo Espírito Santo, para a atuação, no tempo, do projeto de salvação de Deus sobre o homem e sobre a história, em referência às situações de vida concretas.<sup>107</sup> Nesta ação multiforme – eclesial humano-divina – aparece o discernimento dialético assimétrico.<sup>108</sup>

---

<sup>104</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 209.

<sup>105</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 210.

<sup>106</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 210.

<sup>107</sup> Cf. Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 4.1.3.

<sup>108</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 211.

O modelo dialético assimétrico não interpreta dados, mas colhe-os tal como são, tendo sempre presente o dado da fé. Deus não é um evento passado, mas do presente e que permanece. Deste modo, toda a ação eclesial impele a estar com Jesus Cristo.

Assim, o método da Teologia Pastoral estabelece no discernimento pastoral três dimensões e qualidades que o constituem.<sup>109</sup>

Segundo Sergio Lanza são elas<sup>110</sup>: a dimensão kairológica, a dimensão operativa e a dimensão criteriológica.

A dimensão kairológica leva a pensar o agir da Igreja na relação com a realidade concreta, pois quando se atua e se projeta deve-se ter a preocupação de estar dentro da realidade, carregando consigo o desejo profundo de levar a fé à realidade.

Deste modo, esta

«comporta o ato especificamente teológico de estabelecer uma relação com a realidade concreta, com as diversas situações, uma vez que, a partir do princípio da Encarnação, a vida cristã é chamada a traduzir-se no tempo e no espaço, mediante as suas condições culturais, sociais e éticas. [...] Trata-se de olhar e compreender a realidade com as categorias próprias da fé. Esta dimensão permite relacionar aspetos da racionalidade humana com perspectivas específicas da fé, evitando-se assim uma visão distorcida por laivos de neopositivismo (como se a realidade pudesse ser vista de forma neutra)».<sup>111</sup>

Assim, o discernimento cristão implica o olhar da fé e a necessidade de procurar Cristo em todas as coisas e através de todas as coisas, dado não existir nada, para o cristão, em que Cristo não esteja presente. O importante é estar com o Senhor para olhar e ler-se a realidade com o Seu olhar. Somente tendo o dado da fé pode-se olhar o mundo para entender o que está a suceder e perceber como se deve agir.

A dimensão operativa é o momento em que se pergunta o que fazer, diante da realidade concreta que se procura entender. Se se ficar permanentemente na reflexão é um erro, pois não nos leva a lado nenhum. Não basta grandes análises, descrições e reflexões e quando se pergunta o que fazer, ficamos no silêncio. É preciso e é importante decidir e atuar, pois, a dimensão operativa

«ajuda a considerar a realidade na perspectiva da ação, na perspectiva do projeto forma, que visa melhorar a situação insatisfatória. A operativa leva a focar a atenção na situação concreta, com vista a uma ação eficaz e real. Procurar melhor a situação, sem cair na utopia».<sup>112</sup>

A dimensão criteriológica trata dos critérios com que se analisa e se projeta a realidade pastoral. É

---

<sup>109</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 211.

<sup>110</sup> Cf. Sergio Lanza, *Convertire Giona. Pastorale como progetto* (Roma: OCD, 2008).

<sup>111</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.1.1.

<sup>112</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.1.2.

«o centro nevrálgico do método, e que faz interagir o dado da fé e da situação, com base no princípio da encarnação, e que busca leis heurísticas gerais e concretas do agir pastoral, relacionando assim a dimensão kairológica e operativa capaz de permitir uma interpretação crítica da experiência da fé da comunidade eclesial».<sup>113</sup>

Estas três dimensões do método da Teologia Pastoral conduzem a que a ação pastoral se centre em três fases, sendo elas: análise e avaliação, decisão e projeção, atuação e verificação. Se nas dimensões do método, estas estavam sempre presentes em conjunto, nas fases começa-se uma e só se passa para a seguinte quando a anterior estiver terminada.<sup>114</sup>

Na fase de análise e avaliação não trata de fazer uma análise diante da situação, mas dentro da realidade pois faz parte da mesma.

Esta fase

«aproxima a ação eclesial da situação histórica, cultural e social concreta, com o apoio de instrumentos facultados pelas ciências humanas, mas analisados a partir de uma perspectiva de fé, sem olhar a realidade de forma neutra, pois olhar os *sinais dos tempos* é interpretar e avaliar a realidade».<sup>115</sup>

A fase de decisão e projeção é a fase de passagem da pastoral de análise infundável à decisão. Nesta fase,

«predomina a ação eclesial da situação dialética entre a teoria e a práxis, a articulação entre os princípios da fé e os dados empíricos, evitando que as opções se limitem a uma instituição inspirada ou de mera dedução, mas que se renove efetivamente a prática eclesial com objetivos determinados, através de orientações, de um projeto e da programação específica, que estejam devidamente articulados com a comunidade que projeta».<sup>116</sup>

Na decisão não pode haver incapacidade ou medo de decidir só porque isso possa causar sofrimento. A decisão é absolutamente necessária para passar da análise à operacionalidade.

A terceira fase é de atuação e verificação. Atuar não implica fazer, mas sim estar atento ao projeto de modo a que se torne oportuno operacionalizá-lo. O momento de atuação implica promover de modo a que tudo possa vir a ser feito. Por outro lado, a verificação leva a perguntar como foi. Assim,

«implica que o projeto se volte para a realidade concreta para aí *incarnar*, tornando-se operativo, exequível, eficaz e real nos programas e nos resultados concretos, o que só é possível na medida em que se verifica/avalia – a verificação/avaliação sapiencial do tempo presente possui um caráter teológico, como exigência própria da fé, que se realiza em diálogo recíproco e a nível comunitário, mas também é próprio do discernimento, já que se articula nas dimensões espiritual, eclesial e cultural – a eficácia da práxis eclesial, isto é, se esta operacionalidade, com os objetivos específicos, acontece efetivamente, com o intuito de tornar o Reino de Deus visível, presente, no tempo atual e na vida da comunidade cristã, exigindo a corresponsabilidade de todos, num trabalho sinodal, fomentando a comunhão eclesial e tornando fecundo o testemunho cristão».<sup>117</sup>

<sup>113</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 211.

<sup>114</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 21.

<sup>115</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.1.4.

<sup>116</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.1.4.

<sup>117</sup> Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar*, chap 5.1.4.

Esta fase tem como finalidade a conversão pastoral. Trata-se da liberdade de ver e verificar de modo que possam daí surgir novidades, nas abordagens e donde se possa partir de novo, sem nunca esquecermos que estamos sempre dentro do âmbito da fé.

Todo este processo de discernimento pastoral faz com que todo o agir eclesial se centre na Trindade.

«É à luz deste princípio da Encarnação que podemos perceber a relação íntima de amor na Trindade, e desta com o ser humano, e que se constitui na história agir salvífico. Deus revela-Se e salva-nos na história que Ele assume, nela se entrelaça, e a qual constitui para o homem lugar salvífico e a eleva a mediação salvífica. Do Ser de Deus, por sua livre vontade faz parte o mundo e o homem que nele habita numa paradoxal autonomia e liberdade deste mesmo mundo e homem, paradoxo que é constitutivo do ser de Deus que ama gratuitamente e, conseqüentemente, quer e respeita a autonomia e liberdade».<sup>118</sup>

### **2.3. Discernimento Pastoral na Diocese de Aveiro**

O Discernimento Pastoral, após a Restauração da Diocese de Aveiro, aconteceu em vários momentos, mas pela sua dimensão e impacto destaca-se o II Sínodo Diocesano que agora se apresenta: o I Sínodo Diocesano, conhecido como Sínodo da Unificação, as Missões Regionais, os Congressos Eucarísticos Diocesanos, o Congresso Catequístico Diocesano, as Visitas Pastorais, o Congresso Diocesano dos Leigos, o II Sínodo Diocesano, intitulado como Sínodo da Renovação e, por fim, a Missão Jubilar.

#### *2.3.1. II Sínodo Diocesano – Caminhada Sinodal e discernimento pastoral*

O II Sínodo Diocesano foi em grande parte devido ao carisma de D. António Marcelino, e à dinâmica criada pelo Congresso Diocesano dos Leigos em 1988, onde o Bispo Diocesano a 11 de dezembro de 1988 - na celebração jubilar dos 50 anos de restauração da Diocese – anuncia a realização do II Sínodo Diocesano.

O II Sínodo Diocesano aconteceu entre 1990 e 1995, sendo toda a Diocese convocada para a sua realização, a 1 de janeiro de 1990, através de uma carta de D. António Marcelino a toda a Diocese de Aveiro.<sup>119</sup>

O Sínodo surge num contexto em que havia a necessidade de

---

<sup>118</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 213.

<sup>119</sup> Cf. Marcelino, «Abertura dos trabalhos sinodais», 261.



«continuar os esforços feitos, recuperar atrasos, sanar feridas, congregar vontades, experimentar em conjunto o que é ser e viver Igreja, e procurar respostas missionárias para os problemas suscitados pelo contexto socio-cultural pluralista e em revolução acentuada para o secularismo».<sup>120</sup>

É diante desta realidade social e religiosa, fruto do caminho feito e das suas dinâmicas, e impulsionado por novas propostas pastorais com novos objetivos doutrinários e operativos para a renovação da Igreja diocesana, que surge a convocação do II Sínodo Diocesano. Este caminho conjunto conduz a edificar a caridade e a evangelizar o mundo a que a Igreja é enviada.<sup>121</sup>

Neste sentido, D. António Marcelino define Sínodo, como caminho conjunto dos cristãos da Diocese, para que em conjunto, desde o Bispo aos leigos, haja esforço pela renovação à luz do Evangelho e, ao mesmo tempo, pela renovação da Diocese, em todas as suas estruturas, comunidades e movimentos.<sup>122</sup>

Assim, a convocação para a realização do Sínodo foi fruto da recomendação feita pelo Concílio Vaticano II.<sup>123</sup> Esta convocação, tendo presente o lema da Diocese “Amar a Deus é Servir”, quer despertar, na Igreja Diocesana, a consciência necessária e o gosto pela realização do acontecimento que diz respeito a todos, levando à participação efetiva e congregadora das possibilidades de cada um<sup>124</sup>, de modo a que a comunhão e missão se enriqueçam e se provoquem mutuamente, conduzindo a que o caminho coerente, do cristão, com a vocação humana e com a eclesiologia de comunhão.<sup>125</sup>

Ao ser, a diocese, convocada para a realização do II Sínodo diocesano, sempre numa perspetiva de renovação da Igreja diocesana, houve a necessidade de sensibilizar a opinião eclesial e pública, despertar a consciência de participação dos cristãos, criando grupos de reflexão e escolas arceprebais, de modo a que pudessem acontecer as sessões de estudo e aprofundamento das propostas a ser debatidas nas assembleias sinodais.<sup>126</sup> Este caminho deveria ser feito na realização da vocação humana, na busca da felicidade, e em comunhão com Cristo e por meio d’Ele com a Trindade, sentindo que, apesar de muitos membros, fazemos parte do mesmo Corpo.<sup>127</sup>

As assembleias sinodais eram locais importantes e necessários para a discussão dos vários pontos refletidos, entre o clero e os leigos. Eram, em si, o momento de diálogo e

---

<sup>120</sup> Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, III, 231.

<sup>121</sup> Cf. Rocha, *Igreja Sinodal*, 152.

<sup>122</sup> Cf. Marcelino, «Abertura dos trabalhos sinodais», 261.

<sup>123</sup> Cf. Rocha, *Igreja Sinodal*, 219.

<sup>124</sup> Cf. Rocha, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*, III, 232.

<sup>125</sup> Cf. Rocha, *Igreja Sinodal*, 251.

<sup>126</sup> Cf. Rocha, *Igreja Sinodal*, 152.

<sup>127</sup> Cf. António Baltasar Marcelino, «Igreja de Aveiro ao serviço de Deus e dos homens», *II Sínodo Diocesano de Aveiro*, 263.

discernimento, da reflexão feita, e que se sentia ser o percurso mais importante para a Igreja diocesana.

Estes momentos eram de esperança, mas também de receio, pois sobre a assembleia pairavam «os olhares confiantes dos cristãos irmanados no mesmo desejo de procurar o melhor possível para a Igreja numa atitude de fidelidade crescente a Deus que se expressa numa preocupação atenta às situações humanas e aos desafios decorrentes».<sup>128</sup>

Assim, na dinâmica sinodal há a vontade de envolver e animar toda a Igreja diocesana. Ao mesmo tempo, «a Igreja cresce na fidelidade evangélica, impregnando cada vez mais a sua instituição da energia que jorra da comunhão missionária. [...] Só ela fomenta a convergência na unidade de todas as pluralidades legítimas».<sup>129</sup> Era a Igreja toda convocada, a comunidade cristã no seu todo a ser sujeito do discernimento e ação pastoral.

Por outro lado, o Sínodo diocesano, nas suas análises, reflexões e partilhas, foi fazendo um percurso de estudo onde se refletia «a presença da Igreja no mundo e com a necessidade de fazer continuamente a leitura dos sinais dos tempos, a fim de se poder solidarizar com a humanidade».<sup>130</sup>

Este caminho fez com que a Diocese, através de D. António Marcelino, assumisse as suas capacidades, mas também as suas limitações e dificuldades<sup>131</sup>, pois elas surgem sempre como uma dimensão construtiva da realidade, onde estamos inseridos.

Deste modo, o Sínodo diocesano apresenta uma dimensão pedagógica, tanto para o Bispo, como para os presbíteros, comunidades e todos os grupos, demonstrando um caminho de sinodalidade e discernimento. Neste caminhar conjunto, D. António Marcelino diz que «o que é verdadeiramente importante é que todos queiramos o mesmo: a nossa renovação e da Igreja Diocesana, na fidelidade ao Evangelho de Cristo e ao serviço dos homens».<sup>132</sup>

Ao pegar-se numa das expressões de sinodalidade do Papa Francisco, *caminhar juntos*, vê-se que o Sínodo diocesano foi sinal disso, pois ele não termina com a conclusão dos trabalhos sinodais, nem com o encerramento do Sínodo, ou com a celebração litúrgica na Sé, mas sim com o nosso espírito de comunhão e missão, como nos diz D. António Marcelino:

«A perfeição não está no que se determina ou decide. Está e traduz-se, progressivamente, no acolhimento ativo e no contributo generoso que pomos, individual e comunitariamente, para que passe à prática o que, à luz do Espírito, nos apareceu a todos, como o que Deus nos pede para a edificação do Seu Reino na comunidade dos homens em terras de Aveiro. [...] Sempre em espírito de COMUNHÃO E MISSÃO, queremos ser uma Igreja agradecida aos que nos

---

<sup>128</sup> Rocha, *Igreja Sinodal*, 153.

<sup>129</sup> Rocha, *Igreja Sinodal*, 172-173.

<sup>130</sup> Rocha, *Igreja Sinodal*, 177.

<sup>131</sup> Cf. António Baltasar Marcelino, «Hora de ação de graças e de envio», *II Sínodo Diocesano de Aveiro*, 269.

<sup>132</sup> Marcelino, «Hora de ação de graças e de envio», 269.

precederam, fiel às exigências do presente que vivemos, voltada responsabilmente para o futuro e, em Deus, portadora de esperança para todos».<sup>133</sup>

Neste texto de D. António Marcelino torna-se bem presente a sua clarividência de pastor: dinamizou um caminho sinodal no qual quis envolver toda a comunidade cristã da Diocese de Aveiro. Um caminho sinodal de discernimento pastoral do que Deus pede no concreto da vida para a edificação do seu reino. Um discernimento que leva à decisão, mas uma decisão claramente voltada para a missão que com Deus é esperança para o hoje de então da Diocese.

Se o I Sínodo se apresentava como o Sínodo da Unidade, o II Sínodo intitula-se como o Sínodo da Renovação, pois teve como objetivo «promover a renovação da Diocese, nos seus membros e nas estruturas»<sup>134</sup>, bem como a formação cristã aos vários níveis para toda a Diocese.

Deste modo, a perspetiva do Sínodo parte

«da ideia que a humanidade é uma grande família que tem os seus alicerces no relacionamento, organização, comunicação e articulação funcional. Que a saúde desta organização social depende de virtudes como a verdade, justiça, liberdade, paz e solidariedade. Por isso estabelece como objetivo assumir a cooperação no bem comum como fazendo parte da missão da Igreja, a qual deve promover a moral cívica, constitutiva da ética cristã, e que a formação é determinante em todo este processo. Esta formação deve ser incluída em todos os processos educativos no interior das comunidades cristãs».<sup>135</sup>

O II Sínodo diocesano pretendeu ser um trabalho de «ação renovadora que o Espírito Santo quer realizar em nós e, através de nós, na sociedade concreta em que se é chamado a ser sinal do amor salvador de Deus, exige um empenhamento de todos os que têm consciência do que é ser cristão e cristão em Igreja Diocesana».<sup>136</sup>

Deste modo pode-se afirmar que a ação de toda a Igreja, e no caso da Igreja diocesana, é uma ação que inclui todo o cristão, a dimensão participativa, estando todos implicados desde o Bispo aos leigos. É nesta inclusão que se tornam participativos e corresponsáveis, em construir uma Igreja de comunhão, que implica o caminho evangelizador em todas as realidades da sociedade.

Todo o percurso do II Sínodo diocesano foi um trabalho positivo e louvável, em que a implicação e em motivação a renovar a Igreja diocesana, nas estruturas e na vivência, é sinal de que

«foi Igreja a viver a sinodalidade num verdadeiro exercício de corresponsabilidade e de busca de discernimento do seu hoje de Deus à luz de Cristo e da sua encarnação; foi uma

---

<sup>133</sup> António Baltasar Marcelino, «Homilia de encerramento do Sínodo», *II Sínodo Diocesano de Aveiro*, 332.

<sup>134</sup> Rocha, *Igreja Sinodal*, 211.

<sup>135</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 112.

<sup>136</sup> António Baltasar Marcelino, «Decreto de Proclamação», *II Sínodo Diocesano de Aveiro*, 1.

oportunidade de formação na tomada de consciência de todos os envolvidos do projeto de Deus para o Homem, da sua realização em Igreja e do lugar de cada um neste mesmo projeto de Deus; foi um esforço inequívoco para lançar a Igreja diocesana em missão nas terras aveirenses».<sup>137</sup>

Pode-se assim dizer que este processo foi, todo ele de renovação, da Igreja diocesana, tanto das pessoas bem como das comunidades. Foi valorizada a vivência da oração, da partilha, da escuta e da celebração Eucarística, como momentos importantes de sinodalidade e de discernimento.

Após a promulgação dos documentos do II Sínodo diocesano, o Bispo da Diocese, apelou a atenção e à valorização das decisões sinodais, dado que elas serem vinculativas para a vida e ação da Igreja, não numa dimensão simplesmente jurídica, mas mais numa dimensão pastoral.

D. António Marcelino, ao promulgar o II Sínodo diocesano, dá primazia à ação Pastoral, partindo do Vigararia da Pastoral Geral, que tem o dever da programação e coordenação do trabalho de difusão, conhecimento e compreensão dos documentos sinodais<sup>138</sup>, não sendo esta missão só do Bispo, mas de toda a Igreja que caminhou e quer caminhar em conjunto.

### *2.3.2. D. António Francisco e o discernimento pastoral no Quinquénio de Pastoral – 2008-2013*

D. António Francisco dos Santos<sup>139</sup> foi o Bispo que sucedeu a D. António Marcelino, tendo estado à frente dos destinos da Diocese de Aveiro cerca de sete anos, sendo depois nomeado para Bispo do Porto.

O seu percurso foi marcante e eleva a fasquia do desprendimento e do espírito de serviço, tal como era o seu lema episcopal, “In manus tuas”. Sinal disso foram as suas palavras aquando da sua saudação à Diocese. Nelas apresentou o seu jeito de ser pastor, sempre com o seu olhar terno e acolhedor, quando diz:

---

<sup>137</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 114.

<sup>138</sup> Cf. Marcelino, «Decreto de Proclamação», 2-3.

<sup>139</sup> D. António Francisco dos Santos nasceu a 29 de agosto de 1948, na freguesia de Tendais, concelho de Cinfães, na Diocese de Lamego. Frequentou os seminários da Diocese de Lamego, tendo sido ordenado presbítero a 8 de dezembro de 1972. Nos dois primeiros anos, após ordenação, foi vigário paroquial, sendo depois enviado para Paris onde se licenciou em filosofia e obteve os mestrados em filosofia contemporânea e em ciências sociais e o diploma em sociologia religiosa. Em Portugal, foi professor no seminário maior de Lamego, onde foi vice-reitor. A 21 de dezembro de 2004 foi nomeado Bispo auxiliar de Braga, tendo sido ordenado Bispo a 19 de março de 2005, em Lamego. Em 21 de setembro de 2006 foi nomeado Bispo de Aveiro, entrando na Diocese a 8 de dezembro do mesmo ano. A 21 de fevereiro de 2014 foi nomeado Bispo do Porto, tendo exercido, a partir desse dia e até 5 de abril de 2014, o cargo de Administrador Diocesano. Faleceu repentinamente, no Porto, a 11 de setembro de 2017. Cf. Gaspar, *Diocese de Aveiro*, 687-688 e 781-783.

«despojado, sem plano nem programas, animado por um único desejo: escutar o Senhor, anunciar a sua palavra, testemunhar o Seu amor, servir como Ele (cf. *Mt 20, 28*) e, convosco, continuar a construir uma Igreja serva, em nome d’Aquele que sempre Se assumiu como servo (cf. *Lc 22, 27*)».<sup>140</sup>

Nesta saudação, citando Santo Inácio de Antioquia, assumiu-se como «portador de Deus e apóstolo da bondade».<sup>141</sup>

Na sua missão, enquanto Bispo de Aveiro, procurou conhecer a Diocese e a sua realidade, através da vida e acontecimentos eclesiais, mas também na sua inserção e presença viva na sociedade civil. Valorizou o encontro com as pessoas nas suas comunidades paroquiais, fosse nas visitas pastorais, fosse em outras ações que implicasse a presença nas paróquias. Aqui se começa a ver a sua fibra de pastor que se coloca numa perspetiva de discernimento pastoral. Este não é possível sem o conhecimento e reconhecimento da realidade em que se encontra. Conhecer as pessoas e as realidades, em concreto a comunidade humana na qual a comunidade cristã se edifica, foi matriz permanente do seu agir pastoral. Ir ao encontro, escutar, fazer-se próximo.

A sua vontade de continuar o caminho já trilhado é apresentado na recondução das pessoas nos cargos que exerciam na Diocese, sentindo que era importante a continuidade e valorização. Neste sentido afirma:

«Quero vincular-me aos dinamismos pastorais nascidos na Igreja de Aveiro ao longo destes sessenta e oito anos da sua mais recente história e assumidos pelo II Sínodo diocesano como aplicação concreta do espírito renovador do Concílio Vaticano II».<sup>142</sup>

Ciente de que não poderia deixar cair no esquecimento o II Sínodo Diocesano nem o Concílio Vaticano II, desafiou a Diocese para a elaboração de um projeto de pastoral 2008/2013 que culminará com a celebração jubilar dos 75 anos da restauração da Diocese de Aveiro. Para este projeto ouviu todas as instâncias pastorais da Diocese e finalmente em 8 de dezembro de 2008 publica e inicia com toda a Diocese esta caminhada pastoral.<sup>143</sup>

Neste caminho para a celebração jubilar, que ele intitulou de Missão Jubilar Diocesana, D. António Francisco queria implementar uma metodologia pastoral inspirada em cinco elementos: centrada no convite do Papa João Paulo II dirigido à Igreja para uma nova evangelização, cheia de novo ardor, entusiasmo e novos métodos, tendo presente o Congresso da Nova Evangelização, que tinha acontecido em várias cidades da Europa, incluindo Lisboa;

---

<sup>140</sup> António Francisco dos Santos, «Saudação à Diocese de Aveiro», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2006): 95.

<sup>141</sup> Santos, «Saudação à Diocese de Aveiro», 98.

<sup>142</sup> António Francisco dos Santos, «Quero trabalhar confiadamente, sem cansaço nem desânimo», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2006): 121.

<sup>143</sup> Cf. António Francisco dos Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2008): 56.

a consciência de que a Igreja deve ser missionária; a colaboração dos serviços diocesanos na construção de um cominho conjunto, de modo a mobilizar toda a Diocese; envolver as comunidades cristãs e arciprestados, interpelando à abertura da Igreja para novos caminhos que o Espírito de Deus desafiava a percorrer; e por fim, a necessidade de uma equipa de trabalho que fosse coesa, ampla e criativa que soubesse congregar pessoas e sinergias, de modo a colocar os cristãos em processo de oração, formação e ação de evangelização.<sup>144</sup>

A metodologia pastoral que lhe parecia mais indicada centrava-se na Conferência da Aparecida, que resgatava o método do Ver, Julgar e Agir, proposta pela Ação Católica. Ao mesmo tempo também recorda o tripé dos Cursos de Cristandade, piedade, estudo e ação.<sup>145</sup>

Na programação do quinquénio de pastoral, propôs continuar um caminho de sinodalidade, procurando implementar o II Sínodo Diocesano revisitando-o, e, ao mesmo tempo, numa ação que implicasse discernimento, tal como era proposto no mesmo Sínodo. É por isso que os primeiros quatro anos apontam no caminho da realização das decisões sinodais no que diziam respeito à evangelização, liturgia, ação sócio-caritativa e família.

D. António Francisco sentia que a programação pastoral estava a ser bela e participativa, tendo sido, o trabalho de base para o quinquénio de pastoral, de reflexão, estudo, debate e diálogo. Tinha noção que esse trabalho prévio estava a ser feito ao jeito de *Lineamenta* dos Sínodos. Isto deve-se ao facto de ter sido refletido em todos os órgãos de participação da Igreja, tanto com o clero bem como com os leigos.<sup>146</sup>

Fruto desse trabalho e de todos os contributos, foi delineado um Plano Diocesano de Pastoral com metodologia própria, que deixava de parte os esquemas antigos, venciam rotinas, sugerindo etapas e tempos diferentes, adequados aos tempos litúrgicos ou datas significativas, afirmando unidade entre as várias etapas no decurso dos cinco anos, sempre centrado na Esperança como virtude a viver e valor a implementar.<sup>147</sup> Ao mesmo tempo, a proposta do Plano Diocesano de Pastoral apresentava um percurso de cinco anos num ritmo sinodal, onde era desenvolvido o plano do quinquénio e preparada a Missão Jubilar Diocesana.

Ao longo desse quinquénio, sente que as prioridades pastorais deviam centrar-se em quatro âmbitos: a pastoral da caridade; a formação cristã; a valorização do arciprestado e as suas estruturas; e por fim, a dinamização arciprestal.<sup>148</sup>

Deste modo, D. António Francisco queria que, o Plano de Pastoral que ia de 2008 a 2013, abrisse um novo horizonte de trabalho eclesial e uma nova perspetiva de modo a que se

---

<sup>144</sup> Cf. António Francisco dos Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 54-55.

<sup>145</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 56.

<sup>146</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 56.

<sup>147</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 56-57.

<sup>148</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 57.

«alargue a duração dos habituais planos anuais, retome o ritmo, a pedagogia e os conteúdos sinodais, integre propostas e iniciativas de comunhão com toda a Igreja e oriente para a celebração dos setenta e cinco anos da restauração da Diocese em 2012-2013».<sup>149</sup>

Neste percurso, D. António Francisco interpelou os cristãos para que sentissem a sua missão evangelizadora, animada pelo Espírito Santo, quando nos dizia que:

«todos somos necessários e todos devemos estar envolvidos, integrando, reunindo, coordenando e otimizando a generosidade e o testemunho de vida e de fé das pessoas e tanto de bem que os Secretariados diocesanos e Movimentos apostólicos realizam na Diocese e por ela no mundo do nosso tempo».<sup>150</sup>

Para D. António Francisco havia a necessidade de o caminho ser feito em conjunto, sempre com a pedagogia sinodal, de modo a que ele apresenta-se o percurso a ser trilhado em Igreja.

Assim, diz-nos que:

«O próximo quinquénio pastoral tem a esperança como motor e força propulsora das atitudes a cultivar e dos programas a realizar. Ela surge como presença irradiante da renovação que se deseja e do serviço aos mais pobres que se prossegue, em 2008-2009; como “irmã gémea” da fé que germina e educa para atitudes responsáveis, em 2009-2010; como suporte da virtude e fruto da oração que se cultiva, em 2010-2011; como “sopro novo” do Espírito que gera, alimenta e confirma a fidelidade e a fraternidade das famílias, em 2010-2011; como rosto de bondade, proximidade e abertura ao futuro que se expressa na celebração festiva, na convivência solidária, no testemunho irradiante no interior das comunidades cristãs e nos espaços socioculturais a humanizar e a evangelizar, em 2012-2013, ano da Missão Jubilar».<sup>151</sup>

Para o quinquénio de Pastoral, D. António Francisco propôs um objetivo claro e imperativo: ser sinal da esperança cristã no mundo. Deste modo, nutria a importância do envolvimento de todos cultivando forma, meios e oportunidades para viver de Cristo e anunciar em Seu nome o Evangelho.<sup>152</sup>

Por outro lado, convida toda a Diocese a viver a Palavra na sua vida e na Missão da Igreja. Assim, sente que é uma oportunidade para despertar a Igreja para a centralidade da Palavra de Deus na vida de todo o cristão.

Convidou a que esse despertar fosse através da iniciação cristã e formação religiosa de todos, da pastoral familiar e da oração e celebração dos sacramentos.<sup>153</sup>

Num espírito de renovação da Igreja Diocesana apresentou a ação do Espírito de Deus, através do mistério da Encarnação, o Espírito que ressuscitou Jesus e que inflamou o entusiasmo

---

<sup>149</sup> António Francisco dos Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2008): 69.

<sup>150</sup> Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», 69.

<sup>151</sup> Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», 70.

<sup>152</sup> Cf. Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», 72.

<sup>153</sup> Cf. Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», 72.

e de coragem os Apóstolos, para a vivência e anúncio de Cristo ressuscitado, seja esse mesmo Espírito que anima e guia a Igreja de Aveiro.<sup>154</sup>

Para D. António Francisco o caminho para a celebração festiva, da Missão Jubilar, tinha por base o mistério da Santíssima Trindade. Assim, ao propor esse caminho, sente ele «nasce e procede desta comunhão de amor trinitário de Deus que nos ama, nos escolhe e nos envia».<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> Cf. Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», 73.

<sup>155</sup> Santos, «Plano Diocesano de Pastoral», 73.



### 3. O DISCERNIMENTO PASTORAL NA MISSÃO JUBILAR

O quinquénio de pastoral foi uma ação pastoral na Diocese de Aveiro que aconteceu entre 2008 e 2013, tendo terminado com a celebração jubilar dos 75 anos da restauração da Diocese. Nesse sentido, «foi elaborado um projeto específico para esta última etapa, centrado num dos meios propostos no plano pastoral: a realização de uma missão popular. Foi chamada de missão jubilar».<sup>156</sup>

Neste caminho de preparação da Missão Jubilar foi feito um percurso de discernimento pastoral e a Igreja foi envolvida em dinâmica Sinodal. Foi na perspectiva de a Igreja de Aveiro se renovar e vivência uma nova dinâmica evangelizadora, que o percurso de discernimento foi longo, tendo implicado a comunhão e o despertar para a missão.

Os pontos que se seguem são sinal de uma Igreja que viveu a comunhão na relação, pois em conjunto conseguiu-se pensar e realizar a vontade de Deus para a Igreja de Aveiro.

#### 3.1. Génese da Missão Jubilar

A génese da Missão Jubilar surge no pensamento de D. António Francisco e na sua prática pastoral.

Na Diocese de Aveiro sentia-se a necessidade de novas opções pastorais e renovação de estruturas e agentes de pastoral. Sentia-se a falta de sacerdotes e bem como de agentes de pastoral. As igrejas estavam a ser menos frequentadas, a catequese estava a criar crismados e não cristãos. Na realidade em que se vivia notava-se um distanciamento de Deus e a ausência do espírito cristão. Muitas vezes a organização era feita sem se precisar de Deus e vivia-se como se as pessoas se reduzissem a simples máquinas.<sup>157</sup>

É com a chegada de um novo Bispo que a Diocese viveu momentos marcantes. Impulsionado por D. António Francisco, foi recordada a necessidade de se valorizar e realizar o ministério da Esperança, da Bondade e da comunhão.<sup>158</sup>

Ao propor à Diocese um Plano de Pastoral para cinco anos, ele tinha o desejo de percorrer a todo o território diocesano em Visita Pastoral, de modo a conhecer e servir todas as comunidades, levando consigo os dinamismos e objetivos pastorais que o plano implicava. Ao mesmo tempo queria estabelecer uma maior unidade entre os planos pastorais de cada ano,

---

<sup>156</sup> Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 133.

<sup>157</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar* (Aveiro: Diocese de Aveiro, 2012) 47.

<sup>158</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 47.

dando mais tempo à sua implementação e criando um fio condutor, de modo a existir uma maior articulação entre os temas propostos e os objetivos.<sup>159</sup>

D. António Francisco, demonstra a vontade de fazer caminho, tendo no horizonte, do percurso do quinquénio de pastoral, a celebração festiva dos 75 anos da restauração da Diocese, com a Missão Jubilar.

Havia a necessidade de fazer um caminho conjunto entre todas as comunidades, serviços e movimentos. Fruto desse caminho, surgiu a proposta para a realização da Missão Jubilar. Assim,

«Ela resulta de uma reflexão desde as bases, isto é, a partir de e com as comunidades paroquiais, serviços e movimentos. Era preciso ouvir o que o Espírito de Deus nos quera dizer e estarmos totalmente disponíveis para os desafios. Sentir que o projeto evangelizador é de todos tornou-se consciente na génese do mesmo e na sua consequente programação».<sup>160</sup>

Para que isso pudesse acontecer, D. António Francisco acentuou que é preciso alcançar outros objetivos, tais como:

«refletir, reorganizar, mobilizar e coordenar melhor as estruturas da diocese, a nível paroquial, arceprelato e diocesano; retomar as conclusões e os compromissos do último Sínodo Diocesano; olhar o futuro com esperança e com animo evangelizador; e programar e implementar uma Missão Jubilar Diocesana».<sup>161</sup>

Na visão de D. António Francisco, a Missão Jubilar Diocesana era uma metodologia pastoral que se centrava em cinco elementos: a nova evangelização, centrada na proposta do Papa João Paulo II, com o Congresso da Nova Evangelização; a consciência eclesial de que a Igreja deve ser missionária; a necessidade de os serviços diocesanos serem coordenados e motivados a viver e a agir em comunhão, de modo a ser colocada no terreno da ação pastoral uma missão que mobilize a Diocese; que envolva todas as comunidades cristãs, arceprelato e movimentos apostólicos, de modo a que haja uma maior abertura da Igreja a novos caminhos que o Espírito de Deus desafia a percorrer e aos carismas que o mesmo Espírito convida a viver; e por fim, a necessidade de uma equipa coesa, ampla e criativa, que seja capaz de congregar pessoas e sinergias, para colocar os cristãos em processo de oração, formação e ação evangelizadora.<sup>162</sup>

Na génese da Missão Jubilar também esteve bem patente a importância da escuta da Diocese. Este percurso já tinha sido feito em outros momentos da vida da Igreja diocesana. No entanto, o Bispo sentia o quão importante era esse momento para que a ação mobilize toda a Diocese. Sendo sua vontade implicar o clero e comunidades religiosas, queria implicar as

---

<sup>159</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 53.

<sup>160</sup> Francisco Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», *Síntese*, nº 223 (2013): 28-29.

<sup>161</sup> Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 53.

<sup>162</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 54.

comunidades cristãs, nas suas paróquias, pois «às vezes parecem um pouco fechadas sobre si próprias, e os movimentos apostólicos, que parecem um pouco limitados à sua esfera e aos seus espaços de intervenção».<sup>163</sup>

Por outro lado, D. António Francisco esperava que este momento, na vida da Igreja diocesana, fosse tempo de renovação, envolvendo a ação a todos os níveis e setores de vida e missão da Igreja de Aveiro. Para ele seria tempo de envio dos cristãos ao encontro dos que não acreditavam, dos que andavam distantes da Igreja, dos que ignoravam e que a esqueceram. Mas também seria tempo de diálogo criativo e aberto à cultura, trabalho, educação e juventude. Contudo, para que todo este processo pudesse ser exequível, era necessária a oração, a formação e a ação, pois evangelizar consistia em falar mais de Deus do que das coisas triviais.<sup>164</sup>

Assim, a Missão Jubilar surgiu como um desafio do Bispo diocesano, tendo sido sentidas preocupações que, com a convocação da Missão Jubilar, se procurou responder. As preocupações fundamentais eram: evangelizar, celebrar e servir.

«Evangelizar – com palavras, gestos, atitudes e vidas inteiras anunciar que ser cristão é viver e realizar as bem-aventuranças;

Celebrar – com alegria e ambiente de festa celebrar a Igreja que somos, o gosto de a ela pertencermos e o caminho já percorrido;

Servir – exercendo o ministério da bondade e, pela proximidade e abertura ao futuro [...], ser testemunho irradiante e presença qualificada nos espaços socioculturais fazendo assim irromper um sentido de plenitude na vida e realizações do nosso mundo pela humanização e evangelização».<sup>165</sup>

Se por um lado, existia a preocupação, por outro, o projeto da Missão Jubilar é fruto de um trabalho de anos, que vinha a ser delineado

«nas diversas instâncias pastorais das Diocese: conselho diocesano de pastoral, conselho presbiteral, conselho episcopal, reunião geral dos serviços diocesanos e movimentos e reuniões arceprestais do clero. Mas, a partir de janeiro de 2012, foi trabalhado e refletido em todos os arceprestados em reuniões para as quais foram convidados todos os agentes de pastoral das paróquias».<sup>166</sup>

Todo o este caminho, proposto à Igreja de Aveiro, pelo seu pastor, implicou olhar a história e a realidade do tempo em que se vivia.

Nesse sentido, o fundamento da Missão Jubilar teve por base a estratégia usada pelo Papa Paulo VI, ainda enquanto Bispo de Milão, quando quis dar um ‘choque operativo’, fazendo abalar a indiferença ateia. Com este mesmo objetivo, a Diocese tencionava «abalar os

---

<sup>163</sup> Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 55.

<sup>164</sup> Cf. Santos, «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos», 55.

<sup>165</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 54.

<sup>166</sup> Francisco Melo, «Diocese de Aveiro em missão de jubilo», *Igreja Aveirense* nº 2 (2012): 81.

comodismos, indiferenças, alheamentos, apoucamentos e medos no nosso modo de ser a Igreja de Cristo em Aveiro». <sup>167</sup>

Ao mesmo tempo foi também impulso para a Missão Jubilar o recordar as palavras de D. António Marcelino, aquando da abertura dos trabalhos da I Sessão da Assembleia Sinodal:

«Deus fez a Sua tenda no meio dos homens. O seu santuário é o mundo dos homens. O templo é um lugar de passagem. Lugar de revitalização, da aprendizagem, da referência necessária à Comunhão e à Missão, do reforçar da disponibilidade e da generosidade, dos encontros que passam mas que preparam e fortalecem os encontros que permanecem. Porém, o espaço normal da vida da Igreja não é o templo. É o mundo, é a vida concreta, é o campo aberto das nossas vitórias e das nossas derrotas diárias. O templo só é Deus, quando, partindo de Deus, o homem que o frequenta, parte ao encontro do outro homem». <sup>168</sup>

Se há fundamento e impulsos também existiram alicerces. Assim, o alicerce da Missão Jubilar encontrava-se no lema da Diocese de Aveiro, “Amar a Deus é Servir”. O lugar do agir pastoral e cristão foi a resposta à pergunta de Deus a Caim: “Onde está o teu irmão?” (cf. *Gen* 4,9). O processo foi o de Cristo, revelado no lava-pés: “Assim como Eu vos fiz, fazei-o vós também” (*Jo* 13,15). Assim o processo só podia ser ‘Servir’. Ele foi feito na certeza do amor de Deus: “Não fostes vós que Me escolhestes, fui Eu que vos escolhi a vós” (*Jo* 15,16). <sup>169</sup>

Com este espírito se deslumbrava qual o modo de amar a Deus, de anunciar o Evangelho e de se ser Igreja: «a nossa forma de amar a Deus em Aveiro, o nosso modo de anunciar o Evangelho de Cristo, o nosso jeito de construir aqui e agora o Reino de Deus é servir em Igreja e como Igreja». <sup>170</sup>

Nesta dinâmica de ação pastoral e após o diálogo e reflexão na Igreja de Aveiro, D. António Francisco motivou, toda a Diocese, para

«procurar ser Igreja com palavras, gestos, atitudes e vidas inteiras que anunciem e revelem que ser cristão é ser feliz, coerente, compreensivo, verdadeiro, desprendido, puro de coração, livre, construtor da paz, justo e irmão. Isto é a realização das bem-aventuranças». <sup>171</sup>

Assim, a Missão Jubilar, querendo realizar as bem-aventuranças, propôs a necessidade de experienciar o fundamento de ser missionário em Igreja, tendo presente duas propostas, que implicavam a comunhão com a Igreja em Portugal e no mundo, sendo eles: o Ano da Fé, proposto pelo Papa Bento XVI, anunciado em 2011 e a proposta da Conferência Episcopal Portuguesa, para 2012-2013, com o tema “Tende confiança!”, onde a Igreja em Portugal é desafiada a reavivar a fé cristã e a aprofundar o seu testemunho no mundo. <sup>172</sup>

---

<sup>167</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 56.

<sup>168</sup> Marcelino, «Igreja de Aveiro ao serviço de Deus e dos homens», 263.

<sup>169</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 55-56.

<sup>170</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 56.

<sup>171</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 58.

<sup>172</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 59-61.

Por outro lado, a Missão Jubilar não pretende simplesmente ser um momento de celebração dos 75 anos da restauração da Diocese, mas, sim, um impulso missionário e evangelizador. Neste sentido, é

«MISSÃO, em primeiro lugar, porque queremos configurar-nos a Jesus Cristo pela força do Espírito Santo para a comunhão com o Pai. Daí partimos para anunciar, transformar e fecundar o mundo do qual somos parte integrante. E sabemos que neste ardor missionário, que queremos novo, só podemos ter como modelo o Bom Pastor que nos lança na aventura de construção de uma comunidade eclesial apetecível, inclusiva e fermento, a qual constitui naturalmente a chave da missão.

JUBILAR, porque ao celebrar 75 anos de restauração, o desejamos fazer com alegria e festa, testemunhando que ser cristão é ser feliz».<sup>173</sup>

A Missão Jubilar, iniciou a 21 de outubro de 2012 e terminou a 11 de dezembro de 2013, teve como lema «Vive esta Hora»<sup>174</sup>, tendo buscado a sua inspiração na Sagrada Escritura «Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele» (Sl 118,24)<sup>175</sup> e tendo como meta a atingir «A Igreja diocesana vive e celebra na alegria o seu crescimento, abre-se ao mundo com ânimo evangelizador e assim se torna rosto da esperança»<sup>176</sup>. Teve três objetivos: celebrar o jubileu dos 75 anos da restauração da Diocese; levar os cristãos a viver o seu ser em Cristo; e empenhar as pessoas na construção de um mundo melhor.<sup>177</sup>

O caminho para a implementação da Missão Jubilar também levou à criação de uma imagem, que expressasse o modo como seria anunciada e divulgada a missão. Ao mesmo tempo esperava-se que a imagem fosse identificativa da nossa ação e capaz de gerar dinamismos de envolvimento e participação.<sup>178</sup>

Nesse sentido, foi tido presente alguns modos de evangelização de Jesus Cristo, onde fazendo do lago espaço de missão, é do barco que Ele ensinou a Boa Nova do Reino (Mt 13. 1-2). Deste modo podemos olhar o mar e o barco como elementos cheios de simbolismo e apelo para a missão que Jesus nos apresenta. «O mar simboliza o mundo no qual os cristãos vivem e são convidados a navegar e a soltar as amarras do seu coração para amar pelo serviço. O barco é a Igreja fundada na fé e testemunho dos Apóstolos que tinham em Pedro o sinal visível da comunhão».<sup>179</sup>

Sendo Aveiro uma Diocese situada à volta do mar, ria e rios, o símbolo escolhido, para a Missão Jubilar, foi o barco, «onde juntos navegamos com Cristo, soltamos as amarras do

---

<sup>173</sup> Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 28.

<sup>174</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 74.

<sup>175</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 74.

<sup>176</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 74.

<sup>177</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 74-75.

<sup>178</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 76.

<sup>179</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 76.

nosso coração e da nossa vida para realizarmos a aventura da construção do Evangelho de Jesus Cristo para um mundo melhor, mais justo e mais humano».<sup>180</sup>

O símbolo do barco era constituído por 101 peças de madeira que simbolizava cada uma das 101 paróquias da Diocese.

Do barco nasceu o logotipo da Missão Jubilar, assumido a partir da proa do barco. Do meio da proa surgiu a cruz, já sem Cristo morto, fazendo-nos recordar a nova Humanidade, nascida da Ressurreição, e da qual somos construtores.<sup>181</sup>

Para que a ação desse fruto era necessária a comunicação. Saber comunicar era e é o desafio cada vez mais presente para que o Evangelho chegue ao coração dos homens.<sup>182</sup>

Ciente desta necessidade, D. António Francisco quis realçar alguns aspetos referentes à comunicação, tais como: o valorizar o Gabinete de Informação e Comunicação da Diocese, de modo a poder coordenar a informação e comunicação; procurar criar uma imagem apelativa da Missão Jubilar, estabelecendo parcerias com outras forças vivas, no sentido de otimizar a imagem; procurar envolver todos os meios de comunicação social, nacional e regional de modo a ser meio de divulgação das ações; e criar e divulgar os materiais para cada uma das ações da Missão Jubilar.<sup>183</sup>

Se a imagem e a comunicação eram importantes, a organização da Missão Jubilar teve um lugar preponderante.

Assim, para que a Missão Jubilar pudesse acontecer era necessária a disponibilidade das instâncias pastorais da Diocese, desde as comunidades cristãs, aos serviços e movimentos, sempre num espírito de serviço e disponibilidade na Missão.<sup>184</sup>

Foi criada uma comissão coordenadora da Missão Jubilar composta por 6 elementos. A cada uma das paróquias, era pedido elementos que ajudassem na coordenação e desenvolvimento da Missão Jubilar na paróquia.

Deste modo, cada paróquia deveria ter pelo menos um coordenador<sup>185</sup> que, conjuntamente com o pároco, pudesse ser dinamizador da Missão Jubilar nas comunidades locais. Para desenvolvimento da Missão Jubilar eram necessários mensageiros, a quem cabia a missão de divulgar, operacionalizar e implementar as diversas ações da Missão Jubilar. Eram

---

<sup>180</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 77.

<sup>181</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 78.

<sup>182</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 86.

<sup>183</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 86-87.

<sup>184</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 88.

<sup>185</sup> Era desejado que com os coordenadores paroquiais se constituísse a Equipa Arciprestal de Pastoral, em cada arciprestado. Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 88.

também necessários colaboradores a quem se deu o nome de missionários, com o objetivo de desenvolver três catequeses quaresmais previstas na Missão Jubilar.<sup>186</sup>

Todas estas pessoas tiveram encontros formativos, de acordo com missão que exerciam nas suas paróquias. De realçar que, aos missionários, a formação foi proporcionada pela Diocese de modo a se preparar para os conteúdos das catequeses a realizar.<sup>187</sup>

Ao concluir este ponto, sente-se que todo o caminho para a realização e implementação da Missão Jubilar levou a uma movimentação de toda a Diocese, desde o cristão na paróquia mais remota da Diocese até ao próprio Bispo.

### **3.2. Gestação da Missão Jubilar**

A Gestação da Missão Jubilar foi feita numa experiência sinodal. Ao mesmo tempo toda a ação implicou discernimento. O discernimento realizado na Missão Jubilar centrou-se nos momentos de discernimento, propostos por Sergio Lanza.<sup>188</sup>

Deste modo, podemos dizer que existiu discernimento pastoral, nos seus vários momentos, na formulação da questão, na reflexão e partilha e na decisão.

Para alcançar o percurso, foram realizadas reuniões com os serviços diocesanos, movimentos e todos os agentes de pastoral dos arciprestados. Nessa primeira reunião foram interpelados sobre qual a realidade que se estava a viver e o que é que o espírito de Deus nos ilumina para o futuro.

Depois da primeira abordagem foi elaborado o esquema pelos serviços diocesanos.

Houve uma segunda reunião tanto dos serviços diocesanos, bem como dos arciprestados, onde foi apresentada a proposta feita pela Diocese. Esta proposta foi redefinida e decidida.

Por fim, houve uma terceira reunião, já com o projeto definido, tendo acontecido nos meses de setembro e outubro de 2012, onde foi apresentada a proposta da Missão Jubilar. Ao mesmo tempo, nessa mesma reunião aconteceu o encontro com os coordenadores e mensageiros da Missão Jubilar.

O primeiro momento do discernimento é a formulação da questão. Foi no caminho iniciado com o quinquénio de pastoral que foram colocadas as questões e feitas as avaliadas as suas pertinências pastorais, bem como os objetivos e caminhos a seguir, de modo especial na

---

<sup>186</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 88-89.

<sup>187</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 89.

<sup>188</sup> Cf. Sergio Lanza. «Teologia pastorale». Em *La Teologia del XX secolo un bilancio. 3. Prospettive pratiche*, editado por Giacomo Canobbio e Piero Coda, 393-476. Roma: Città Nuova, 2003.

última etapa, na Missão Jubilar. Assim, «o projeto da Missão Jubilar começa por fazer a contextualização da nossa atual situação, tendo em conta a nossa História. Aí se procuram os sinais de Deus para sermos capazes de discernir o caminho a seguir».<sup>189</sup>

Neste sentido, a formulação da pergunta centrou-se nas incertezas, desafios, apelos e angústias diante da realidade em que se vivia e do mundo a que eramos chamados a servir, sempre animados pela força de Deus no seu rosto paterno e irmão, marcado em cada um de nós e na Igreja pelo Espírito Santo.<sup>190</sup>

Por outro lado, na preparação da Missão Jubilar foram sentidas preocupações que, havendo a necessidade de responder, estavam centradas nos objetivos: evangelizar, celebrar e servir.<sup>191</sup>

A formulação da questão implica também disposição partilhada de se colocar diante de Deus. Neste sentido, e neste primeiro momento de discernimento sentiu-se que o tempo de oração não foi devidamente acautelado. Ficou clara a colocação da questão, a avaliação, mas a oração simplesmente surge como proposta de evangelização e não como um momento/atitude no discernimento.

O segundo momento que o discernimento propõe é de reflexão e partilha. Dado o projeto da Missão Jubilar ser de toda e para toda a Diocese, e dado o projeto implicar um caminho conjunto<sup>192</sup>, foram escutadas as instâncias pastorais diocesanas para a execução de uma primeira proposta, tendo sido posteriormente colocada à disposição de todos. Posteriormente foram auscultados os serviços diocesanos de pastoral, bem como todos os arciprestados da Diocese.<sup>193</sup>

Deste modo, o projeto da Missão Jubilar é fruto de um trabalho de anos, que vinha a ser delineado

«nas diversas instâncias pastorais das Diocese: conselho diocesano de pastoral, conselho presbiteral, conselho episcopal, reunião geral dos serviços diocesanos e movimentos e reuniões arciprestais do clero. Mas, a partir de janeiro de 2012, foi trabalhado e refletido em todos os arciprestados em reuniões para as quais foram convidados todos os agentes de pastoral das paróquias».<sup>194</sup>

Por fim, existiu o momento de decisão, que surge após todo o trabalho de reflexão e partilha. É o momento do pastor para propor e assumir uma decisão.

---

<sup>189</sup> Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 32.

<sup>190</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 53.

<sup>191</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 53.

<sup>192</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 134.

<sup>193</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 31-32.

<sup>194</sup> Melo, «Diocese de Aveiro em missão jubilar», 81.



O momento da decisão torna-se explícito a 12 de maio de 2012, dia da padroeira da Diocese de Aveiro, Santa Joana Princesa, quando, D. António Francisco, citando as palavras de Jesus na Sinagoga de Nazaré, diz: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova, enviou-me a proclamar o ano da graça do Senhor. [...] Cumpru-se, hoje, esta palavra da Escritura que acabais de ouvir» (Lc 4, 14-22).<sup>195</sup>

Seguidamente, dirigindo-se a todos os diocesanos, convocou para a Missão Jubilar, com as seguintes palavras:

«Saúdo-vos com estas palavras de Jesus, ditas na sua terra, na Sinagoga de Nazaré, a partir do texto do profeta Isaías (cf. Is 61, 1-2 e 42, 7). Nas palavras e nos sentimentos de Jesus encontro as palavras e sentimentos que me inspiram a convocar uma Missão Jubilar na celebração dos 75 anos da restauração da nossa Diocese».<sup>196</sup>

Ao mesmo tempo expressou a alegria pela vivência de tão grande momento na Diocese, reforçando a convocação:

«É com estes mesmos sentimentos de alegria e com a permanente certeza de que este é o tempo por Deus sonhado para nós e a hora necessária para a Igreja de Aveiro, que iniciamos a Missão Jubilar. Quero convocar a Igreja de Aveiro com as palavras que escolhemos para lema da Missão Jubilar e que faremos bela notícia de Deus e bom anúncio dirigido a todos: “Vive esta hora”».<sup>197</sup>

Após ter assumido o projeto, e depois de todos os momentos de discernimento, foi nomeada uma equipa coordenadora, que teve por missão a elaboração e execução da Missão Jubilar, acolhendo todas as propostas feitas.<sup>198</sup>

### **3.3. Organização e Dinâmica da Missão Jubilar**

Em carta dirigida a todas as comunidades paroquiais, D. António Francisco interpelou a todos os diocesanos que:

«A hora é de mudança e de renovação, vivida de forma serena, profunda, partilhada e rezada. O esforço empreendido e a empreender é de todos e de cada um e os objetivos sonhados, as iniciativas decididas e as atividades propostas são de toda a Diocese e para toda a Diocese».<sup>199</sup>

Deste modo, foi expresso na convocatória que o rumo pastoral é de caminho conjunto e não cada qual por si. Neste sentido, a organização e dinâmica ficou a cargo da equipa

---

<sup>195</sup> Cf. António Francisco dos Santos, *In manus Tuas* (Aveiro: Tempo Novo, 2017) 195.

<sup>196</sup> Santos, *In manus Tuas*, 195.

<sup>197</sup> Santos, *In manus Tuas*, 197.

<sup>198</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 32.

<sup>199</sup> António Francisco dos Santos, «Convocatória para a Missão Jubilar», *Igreja Aveirense*, nº 1 (2012): 24.

coordenadora da Missão Jubilar, liderada pelo Vigário Episcopal da Pastoral Geral, em estreita comunhão com o Bispo Diocesano.

Assim, depois de analisadas as propostas emanadas do trabalho prévio e depois de ter escutado e aprofundado o sentir da comunidade diocesana, bem como da voz de Deus que falou através dos membros da Igreja, foi desenhado a Missão, que implementou várias propostas: a “Missão Mais”; a “Missão 11”; a Missão “Cultura”; a exposição no Museu de Aveiro; os concertos e debates; o congresso na Universidade; e as catequeses quaresmais em todas as paróquias.<sup>200</sup>

Deste modo, coube à equipa de coordenação a organização e dinamização destas propostas, apresentadas pelo Bispo diocesano, apresentando as diretrizes para a realização da ação.

O projeto era criativo e para isso havia a necessidade de dinamização e organização. Nesse sentido foram programadas para o dia 11 de cada mês ações concretas, intituladas por “Missão 11”<sup>201</sup>, dirigidas a todas as pessoas, independentemente da idade, residência, movimento ou serviço a que pertencesse.<sup>202</sup>

A “Missão 11” era composta por três momentos: a ação a realizar; o enquadramento da ação; e a dinamização ou realização da ação.

A realização da ação era a proposta lançada a cada pessoa e comunidade, de modo a que se tornasse visível o caminho que a Diocese se encontrava a realizar em conjunto.

O enquadramento da ação tinha como base a clarificação do sentido daquela ação e o porquê da sua proposta.

A dinamização ou realização da ação apresentava o ‘slogan’ proposto para o dia 11 de cada mês; a informação da disponibilidade dos materiais, bem como a informação da data para início da distribuição na Diocese da brochura “Missão 11”, pelos mensageiros – aquém cabia a missão de divulgar, operacionalizar e implementar as diversas ações da Missão Jubilar; e a preparação que implicava o preparar as propostas e os materiais necessários para que a “Missão 11” pudesse acontecer e ser frutuosa.

Na dinamização e programação da “Missão 11” era apresentada propostas concretas e simples que nos levaram a viver e testemunhar, que no espírito das bem-aventuranças, ser cristão é ser feliz, coerente, compreensivo, verdadeiro, desprendido, puro de coração, livre, construtor da paz, justo e irmão.<sup>203</sup>

---

<sup>200</sup> António Francisco dos Santos, «Entrevista», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2012): 85-86.

<sup>201</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 131-171.

<sup>202</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 135.

<sup>203</sup> Cf. Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 30.

A distribuição, pelos mensageiros, da brochura “Missão 11” ia mais além que o simples gesto de colocar a brochura na caixa do correio, implicava o contato com as pessoas, o bater à porta, o passar uma e outra vez, falar, convidar, provocar. Esta ação primava pela diferença, dado não ser normal nem habitual no católico.<sup>204</sup>

Na dinamização da “Missão 11” deve-se destacar alguns momentos mais marcantes na vida das famílias e das comunidades e também da Diocese. Sinal disso foi a colocação do estandarte com símbolo da Missão Jubilar no exterior das casas, em sinal de anúncio<sup>205</sup>; o dia da Palavra, em que cada pessoa ou paróquia era convidada a manifestar a alegria de ser cristão e a partilhar uma expressão bíblica ou até mesmo a colocar cartazes ou tarjas, com passagens bíblicas, que nos interpelasse; o dia do grito pela paz, que aconteceu em todos os arceparquias, numa dinâmica de luta pela paz, acompanhado de dança, luz e simbolismo da cor branca, tendo como finalidade da luta tanto dos cristãos como não cristãos, pela paz<sup>206</sup>; o dia da visita que levou grupos, famílias e pessoas individualmente a ir ao encontro daqueles que viviam a solidão e o abandono<sup>207</sup>; o dia da partilha e solidariedade provocando a partilha, desafiando à solidariedade para com os mais necessitados de cada realidade paroquial; o dia da saudação, onde o simples gesto ou palavra recordava que somos irmãos, «filhos do mesmo pai, feitos do mesmo pó que habita o mesmo lar onde todos têm lugar e onde a felicidade é mais contagiante se nos tratarmos como irmãos»<sup>208</sup>; a ‘cristoteca’, que aconteceu no mês de agosto de 2013, pautou-se como espaço de diversão noturna, mostrando que o cristão sabe estar e comportar-se, como tal, em qualquer ambiente.<sup>209</sup> Foi um conjunto de pequenos gestos, «que pela sua simplicidade e objetividade nos levaram a sair do tempo, a sermos ousados e creio que a sermos fermento do Evangelho nesta hora que é dado a viver».<sup>210</sup>

A “Missão Mais” foram ações que aconteceram em momentos pontuais, querendo a Diocese dar um acento especial a esse mês. A sua estrutura foi idêntica à “Missão 11”, mas implicou uma organização e dinamização diferente, por parte da equipa de coordenação. Para além das interpelações, a serem vividas nesse mês, existiam propostas de dinamização do dia 11, fosse a nível diocesano ou arceparquial. É de destacar a Génesis, aconteceu a 21 de outubro de 2012, no dia da inauguração da Missão Jubilar. Foi o início de um tempo novo, de uma nova

---

<sup>204</sup> Cf. Vigararia da Pastoral Geral, «Nova hora na vida da Igreja diocesana», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2012): 72.

<sup>205</sup> Sinal da dinâmica alcançada são os números apresentados pela Vigararia da Pastoral Geral: nas 101 paróquias que constituem a Diocese foram colocadas 408 tarjas nas igrejas e outros edifícios das paróquias, 22407 estandartes no exterior de casas de famílias, 95409 folhas do “Missão 11” distribuídas porta a porta pelas casas da Diocese. Cf. Vigararia da Pastoral Geral, «Nova hora na vida da Igreja diocesana», 73.

<sup>206</sup> Cf. Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 30.

<sup>207</sup> Cf. Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 30.

<sup>208</sup> Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 30.

<sup>209</sup> Cf. Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 30.

<sup>210</sup> Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 30.

hora na vida da Igreja diocesana. Às 14 horas, os sinos de todas as igrejas paroquiais tocaram em festa. Em Aveiro deu-se início ao acolhimento das pessoas para a celebração. O início da celebração da Eucaristia aconteceu com a abertura do Ano da Fé, promulgado pelo Papa Bento XVI, nos cinquenta anos do Concílio Vaticano II. Durante a celebração foi entregue a cada paróquia, pela mão de D. António Francisco, uma parte do barco, símbolo da Missão Jubilar, que manifestava a unidade de toda a Diocese no processo Jubilar.<sup>211</sup>

Outro momento da “Missão Mais” foi a semana de Promoção Vocacional, celebrada na semana de oração pelos Seminários, momento em quis fazer despertar na Diocese a consciência vocacional, tanto no sentido do encontro pessoal e íntimo com Jesus Cristo, bem como na interpelação àqueles que fazem caminho para adesão a Jesus Cristo e ao amor à Igreja.<sup>212</sup>

O Dia do Deserto, inserido na “Missão Mais”, foi uma realização arciprestal, onde se pretendia que fosse um tempo de recolção com espaço de silêncio, oração, reflexão e meditação e celebração do sacramento da reconciliação.<sup>213</sup>

Por fim, a Tenda de Deus que aconteceu em algumas praias da Diocese. Este espaço queria ser um meio e modo de interpelação a todos os cristãos que estavam de férias, fazendo-os sentir que, em tempo de férias, não podemos tirar férias de Deus.

A “Missão Cultura”<sup>214</sup> expressou a preocupação da Igreja na relação e integração no mundo da cultura. Exemplo disso foram:

«as sessões debate que foram promovidas sobre a ação social, o diálogo inter-religioso e o mundo do trabalho e ainda sobre a família. Tivemos concertos e uma encenação da paixão de Cristo distribuídos pelos diversos arciprestados e, provavelmente como momento mais marcante desta dimensão, a exposição de arte sacra no Museu de Aveiro, intitulada *Diocese de Aveiro: Presente e Memória*. Aí cada uma das paróquias estava representada com uma peça do seu espólio patrimonial».<sup>215</sup>

Em tempo da quaresma, realizaram-se as catequese quaresmais, realizadas em cada uma paróquia da Diocese. Nesse sentido, os missionários paroquiais receberam formação e prepararam-se para partilhar os temas propostos, pela Diocese, às paróquias onde foram enviados. Os temas a serem tratados nas catequese quaresmais eram: ser discípulo de Jesus Cristo; Realizar as bem-aventuranças no mundo; a história da nossa Igreja Diocesana – Ação de Deus na comunidade humana de Aveiro ao longo de 75 anos. Nesta ação destaca-se que as bem-aventuranças foram assumidas como caminho espiritual da Missão Jubilar.<sup>216</sup>

---

<sup>211</sup> Cf. Vigararia da Pastoral Geral, «Génesis – Início solene e festivo da Missão Jubilar», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2012): 70-71.

<sup>212</sup> Cf. João Alves, «Viver a semana dos Seminários em contexto da Missão Jubilar Diocesana», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2012): 95-96.

<sup>213</sup> Cf. Vigararia da Pastoral Geral, «Dia do Deserto», *Igreja Aveirense*, nº 1 (2013): 141.

<sup>214</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 172.

<sup>215</sup> Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 31.

<sup>216</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 135.

A ação realizada na vida e na história da Igreja de Aveiro teve outros momentos altos, numa vivência e dinâmica celebrativa, sendo eles o Dia da Peregrinação, o Dia da Missão e o Dia da Memória.

O Dia da Peregrinação aconteceu a 11 e 12 de maio de 2013. O convite era que cada diocesano pudesse peregrinar ao túmulo de Santa Joana, celebrando e testemunhando a alegria de ser cristão em construção, tendo como modelo de discípulo de Cristo, Santa Joana Princesa.<sup>217</sup>

O Dia da Missão foi o momento de convocação de toda a Diocese, para festivamente celebrar o percurso realizado, desde dia 21 de outubro 2012, até aquele dia, 8 de dezembro de 2013. Este dia foi o momento alto da Missão Jubilar, para o qual toda a Diocese foi convocada. A vontade era que este dia fosse de tomada de consciência da Igreja que somos e do lugar que cada um ocupa nela, dispondo-se, cada um, a abraçar os desafios, que o ser cristão, nesta Igreja de Cristo, coloca em cada dia.<sup>218</sup>

Por fim, o culminar da Missão Jubilar foi o Dia da Memória, a 11 de dezembro de 2013, dia em que a Diocese de Aveiro fez 75 anos de restauração. Foi, não só, o dia de festa e ação de graças pelo caminho percorrido, mas também de celebração e júbilo pela ação dinamizadora e organizadora da Missão Jubilar, como culminar de um belo projeto pastoral que mobilizou e uniu toda a Diocese.<sup>219</sup>

Neste dia foi feita a memória de todo o percurso da Missão Jubilar, sendo realçado o percurso feito pelas ruas da Diocese, fazendo de Aveiro pátio das bem-aventuranças.

Por outro lado, o Vigário Episcopal da Pastoral Geral referiu que o Dia da Memória mostra a nossa gratidão ao nosso bom Deus que nos proporciona a aventura da vida, da vida em abundância. Expressa a gratidão a todos os membros da Missão Jubilar na missão da coordenação, aos sacerdotes, diáconos e religiosos, bem como aos coordenadores, mensageiros e missionários paroquiais e serviços diocesanos, manifestando que foram eles a alma deste grande projeto evangelizador. Acentua-nos ainda que a hora é de memória, mas sobretudo de esperança no futuro, por isso convida a recordar as palavras do D. António Francisco, convocando-nos para olhar o futuro com confiança, apelando a continuar, a prolongar e aprofundar o bem que Deus deu, pela Missão Jubilar, à nossa Igreja. Realça ainda, que nada de bom queremos perder, todos devemos saber merecer e multiplicar. Vive esta hora. Esta é a hora de Deus. Esta é a hora da Igreja. Por isso também é a tua hora. Contigo somos mais Igreja.<sup>220</sup>

---

<sup>217</sup> Cf. Diocese de Aveiro, *Missão Jubilar*, 150.

<sup>218</sup> Melo, «A Igreja de Aveiro em missão», 32.

<sup>219</sup> Cf. António Francisco dos Santos, «Homilia no Dia da Memória», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2013): 117.

<sup>220</sup> Cf. Francisco Melo, «Dia da Memória [Sé de Aveiro, 11 de dezembro de 2013]», Aveiro, 2013, <http://www.youtube.com/watch?v=hYIDfkPrkac>.

Com a celebração do Dia da Memória a Igreja de Aveiro é convocada para continuar a sua missão no mundo e ser sinal de renovação, resultado do caminho percorrido em conjunto no decurso do projeto da Missão Jubilar, tal como nos diz D. António Francisco:

«O pós-missão é algo que vamos preparar desde já. Há um ministério de comunhão, esperança e bondade que precisamos de continuar a prosseguir. O projeto de sermos cristãos conscientes do nosso ser em Cristo empenhados na construção de um mundo mais justo e mais fraterno não está acabado».<sup>221</sup>

---

<sup>221</sup> António Francisco dos Santos, «Mensagem no Dia da Missão», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2013): 110.

#### 4. IMPLICAÇÕES NA DIOCESE

Ao chegar ao fim do projeto da Missão Jubilar, a Igreja de Aveiro, animada pelo seu Bispo, sentia a necessidade de continuar o ministério da comunhão, esperança e bondade.<sup>222</sup>

Ao mesmo tempo, D. António Francisco, na mensagem dirigida à Diocese, para o Dia da Memória, realizado a 11 de dezembro de 2013, interpela cada cristão expressando que

«O futuro exige que nada se perca do bem que Deus em cada um de nós começou. Guardaremos para sempre o bem encontrado em todos os passos dados ao longo da Missão Jubilar. Temos caminho andado, alegria vivida, entusiasmo sentido e vontade de caminhar. Ganhamos dinamismo que devem permanecer e continuar».<sup>223</sup>

Assim, no encerramento do Ano da Fé e da Missão Jubilar, o Bispo diocesano expressou que, ambos os momentos, não se encerraram nem se concluíram, pois

«A vida cristã é procura incessante da beleza da fé, anúncio feliz do evangelho e compromisso necessário de missão. A fé e a missão quando bem articuladas e harmoniosamente unidas transformam-se sempre em belo projeto pastoral e em criativo impulso evangelizador. Queremos continuar a ouvir a voz de Deus que nos desafia a acolher a vida como missão de ser feliz e ajudar os outros a partilharem esta mesma felicidade de Deus que nos ama, nos chama e nos envia a anunciar as bem-aventuranças. Viver em missão é o caminho sonhado por Deus para a Igreja de Aveiro».<sup>224</sup>

Se, por um lado, havia o impulso do Bispo para a continuidade da vivência missionária e evangelizadora, por outro, havia a necessidade de se avaliar o caminho percorrido, no projeto da Missão Jubilar.

Este projeto foi mobilizador, criativo, fez desinstalar, levou os cristãos para o mundo, fazendo perceber o lugar onde se realiza a missão da Igreja. Ao mesmo tempo sentiram-se lacunas, que se centraram na fragilidade da formação, na meta e nos objetivos, que foram demasiado genéricos, e também no facto de o projeto da Missão Jubilar ter sido demasiado intenso e extenso. Por outro lado, a caminhada não foi devidamente valorizada, numa visão de caminho conjunto, pelos diversos setores, movimentos e serviços pastorais.<sup>225</sup>

Se o projeto da Missão Jubilar foi criativo e impulsionador, no pós-Missão Jubilar sentia-se a necessidade de descontinuidade, tendo sido colocado o centro a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, pretendendo-se continuar o caminho de renovação<sup>226</sup>, centrados na figura do Bom Pastor que lança na construção de uma comunidade eclesial constituída em chave de missão, em saída para o mundo.<sup>227</sup>

---

<sup>222</sup> Cf. Santos, «Mensagem no Dia da Missão», 110.

<sup>223</sup> António Francisco dos Santos, «Mensagem à Diocese», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2013): 26.

<sup>224</sup> Santos, «Mensagem à Diocese», 27.

<sup>225</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 136.

<sup>226</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 136.

<sup>227</sup> Cf. Santos, «Mensagem no Dia da Missão», 110.

No entanto, as dificuldades da vida e a mudança do Bispo diocesano fizeram com que o rumo a seguir fosse diferente «embora o objetivo final seja sempre o mesmo: servir o povo de Deus presente em Aveiro tendo sempre presente o lema da Diocese *Amar a Deus é servir*».<sup>228</sup>

Em 21 de fevereiro de 2014, D. António Francisco foi nomeado Bispo do Porto e a 13 de setembro, do mesmo ano, D. António Manuel Moiteiro Ramos<sup>229</sup> inicia o seu ministério de Bispo de Aveiro.

D. António Moiteiro, na mensagem de saudação à Diocese, apresentou como objetivo, no horizonte, continuar o percurso pastoral realizado com a Missão Jubilar e a recente Exortação Apostólica do Papa Francisco “*A Alegria do Evangelho*”, acentuando que a missão da Igreja é propor a todos a alegria do Evangelho: «aqueles que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria» (EG 1).<sup>230</sup>

Na homilia da celebração da Eucaristia da sua entrada na Diocese, D. António Moiteiro tornou explícito a vontade que tinha enquanto Pastor:

«a missão da Igreja é dar visibilidade ao invisível e, para isso, os documentos do concílio Vaticano II, os do Sínodo diocesano concluído em 1995, juntamente com o dinamismo pastoral criado pela Missão Jubilar e a exortação do Papa Francisco “*A Alegria do Evangelho*” são horizonte onde se deve mover a nossa vida diocesana e, conseqüentemente, a construção do reino de Deus nesta Igreja particular e peregrina em Aveiro».<sup>231</sup>

Ao mesmo tempo apresentou os desafios que o anúncio do Evangelho deve trazer às comunidades cristãs, sendo a vocação primeira da Igreja a de evangelizar, pois a vocação indica o esforço de renovação que o cristão deve ter, sendo convidado a fazer, na realidade onde se encontra inserido, um constante caminho de anúncio e de testemunho.<sup>232</sup>

Assim, D. António Moiteiro manifestou a sua entrega de alma e coração à missão que a Igreja lhe confiou, dedicando-se totalmente ao anúncio do Reino de Deus. Nesse sentido, apresentou as suas prioridades do seguinte modo:

---

<sup>228</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 136.

<sup>229</sup> D. António Manuel Moiteiro Ramos nasceu a 17 de maio de 1956, na Aldeia de João Pires, no concelho de Penamacor, na Diocese da Guarda. Frequentou os seminários da Diocese da Guarda, tendo sido ordenado sacerdote a 8 de abril de 1981. Licenciou-se em Teologia com especialidade em Catequética, em Madrid, tendo aí concluído o doutoramento em Teologia Pastoral, no ano de 1997. Exerceu o múnus de vigário paroquial, de pároco, diretor espiritual do seminário maior da Guarda, responsável diocesano do departamento de catequese e ensino da Igreja nas escolas, e diretor do secretariado diocesano da educação cristã e coordenador da pastoral, entre outros. Foi nomeado Bispo auxiliar de Braga, sendo ordenado a 12 de agosto de 2012. Foi nomeado Bispo de Aveiro a 4 de julho de 2014, tendo tomado posse no dia 13 de setembro do mesmo ano e, no dia 14 de setembro entrou solenemente na Diocese, com a celebração da Eucaristia. Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 63, nota 272.

<sup>230</sup> Cf. António Manuel Moiteiro Ramos, «Mensagem de saudação à Igreja de Aveiro», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2014): 16.

<sup>231</sup> António Manuel Moiteiro Ramos, «Homilia proferida por D. António Moiteiro», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2014): 49.

<sup>232</sup> Cf. Ramos, «Homilia proferida por D. António Moiteiro», 49-50.



«As apostas são comuns: a iniciação cristã, a formação cristã, e também no campo das famílias e dos jovens, nunca esquecendo as vocações de consagração, porque essas são as vocações que, a tempo inteiro, podem ser sinal da construção hoje do reino de Deus».<sup>233</sup>

Mais tarde, na Eucaristia, solene da sua entrada, expressou que a Igreja não deve estar de braços cruzados, mas sempre disposta ao serviço, tendo como centro a figura de Jesus Cristo. Nesse sentido, D. António Moiteiro apresentou algumas propostas de revitalização para a Diocese, sendo elas: o dever de criar espaços de fraternidade onde se revitalize das palavras de Jesus, centradas no excerto bíblico «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20); a importância da valorização da formação cristã; o prestar atenção às famílias; os jovens devem ter um lugar privilegiado na vida das nossas paróquias; e ser instrumento de Deus ao serviço da libertação e promoção dos mais pobres.<sup>234</sup>

Neste sentido, ao sentir a importância da formação cristã promoveu, na Diocese, vários encontros de formação cristã, centrando-se de modo especial nos cursos de catequistas.<sup>235</sup>

Denota-se a preocupação para com a catequese, pois sente que ela deve ser uma caminhada a fazer e a renovar e, ao mesmo tempo, um processo de iniciação à vida cristã indispensável ao tipo de missão que os sinais dos tempos requerem da Igreja.<sup>236</sup>

Ao preocupar-se com esta realidade, sente que ela atualmente não forma cristãos, sentindo-se um fosso entre a fé confessada e a fé vivida e um constante abandono da Igreja, após a celebração do sacramento do Crisma. Ao mesmo tempo, manifesta ser preciso audácia para refletir as dificuldades e as possibilidades de transmissão da fé no mundo de hoje, de modo a ser-se testemunhas credíveis de Jesus Cristo.<sup>237</sup>

Assim, a catequese, enquanto meio evangelizador, tem o dever de fazer ressoar no outro o amor a Jesus Cristo, devendo

«interpelar a pessoa para dar a sua resposta de fé pessoal ao “mistério da salvação” que lhe é anunciado. Resposta que nasce do encontro pessoal com Jesus, e se transforma, inseparavelmente, num encontro pessoal com a comunidade dos discípulos que creem: a Igreja».<sup>238</sup>

Deste modo, urge ser-se capaz de fazer a experiência de Deus e dar testemunho d'Ele, tanto na escuta ou leitura da Palavra de Deus, bem como no cultivo da oração, da celebração da Eucaristia e do serviço ao outro.

---

<sup>233</sup> António Manuel Moiteiro Ramos, «Rezemos por mim e pela minha missão», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2014): 23.

<sup>234</sup> Cf. Ramos, «Homilia proferida por D. António Moiteiro», 50.

<sup>235</sup> Cf. Melo, *A Paróquia tem futuro?*, 64.

<sup>236</sup> Cf. António Manuel Moiteiro Ramos, *Conversão pastoral – desafios pessoais e comunitários* (Aveiro: Tempo Novo Editora, 2022) 217-218.

<sup>237</sup> Cf. Ramos, *Conversão pastoral*, 218.

<sup>238</sup> Ramos, *Conversão pastoral*, 218-219.

Se, por um lado, é feita, ao cristão, a interpelação para a vivência pessoal de Cristo, por outro, D. António Moiteiro apresenta a catequese como momento estruturante do anúncio do Evangelho, fundamental e prioritário para a evangelização, dando bases sólidas, no futuro, à vida cristã. Uma catequese evangelizadora vai mais além que o simples facto de preparar para as celebrações de sacramentos, devendo estar ao serviço da iniciação da fé do catequizando, impulsionando para o testemunho de Cristo e o serviço na Igreja.<sup>239</sup>

Deste modo, a catequese não pode ser responsabilidade só e unicamente do catequista, mas toda a comunidade deve estar envolvida, tal com afirma D. António Moiteiro:

«É fundamental que as necessidades educativas e espirituais das famílias sejam consideradas nos projetos pastorais das comunidades cristãs, concretamente na perseverança e criatividade colocadas no acolhimento, no acompanhamento e nas oportunidades de formação oferecidas aos pais e outros familiares».<sup>240</sup>

Neste sentido, a importância da formação deve levar a Igreja, nas suas comunidades, a sentir a necessidade de crescer na fé através da formação catequética, da oração e da celebração, refletindo a vida à luz do Evangelho, com um espírito eclesial de comunhão e discernimento. A vivência do espírito eclesial de comunhão e discernimento implica duas atitudes: a atitude de comunhão e a atitude de discernimento.<sup>241</sup>

A atitude de comunhão deve

«imprimir a todas as realidades paroquiais (estruturas, grupos, celebrações, atividades paroquiais...) um espírito eclesial de comunhão perante tudo aquilo que promove o individualismo, o protagonismo injustificado, o isolamento, a intolerância, o espírito de “capela”».<sup>242</sup>

A atitude de discernimento deve implicar saber

«discernir se um grupo cristão é comunidade de fé convocada pelo Senhor e onde os crentes amadurecem, partilham e enriquecem a sua adesão ao Evangelho de Cristo, ou tudo se reduza a encontros de pessoas que levam muitas vezes a uma espiritualidade intimista e desencarnada da realidade. Um verdadeiro grupo cristão tem o coração em Deus, olha para a vida na perspetiva de Deus, abraça os desafios de Deus».<sup>243</sup>

Perante estas atitudes apresentadas, o lugar do leigo não é dentro da igreja, mas ao serviço na Igreja, inserido na realidade onde vive e trabalha. Para isso, diz-nos D. António Moiteiro, que se deve promover a responsabilidade e a participação; a formação dos leigos e promover caminhos que favoreçam a corresponsabilidade.<sup>244</sup>

---

<sup>239</sup> Cf. Ramos, *Conversão pastoral*, 221.

<sup>240</sup> Ramos, *Conversão pastoral*, 229.

<sup>241</sup> Cf. Ramos, *Conversão pastoral*, 236.

<sup>242</sup> Ramos, *Conversão pastoral*, 236.

<sup>243</sup> Ramos, *Conversão pastoral*, 236.

<sup>244</sup> Cf. Ramos, *Conversão pastoral*, 237-239.

Assim, promover a responsabilidade e a participação implica a não improvisação na formação de agentes de pastoral, de modo a apresentar a pessoas concretas a possibilidade de um trabalho concreto na obra da evangelização, devendo valorizar-se a formação para o compromisso, através da formação para a ação em realidades específicas, tais como: a família, o ensino, a cultura, os sindicatos e a política.

Promover a formação dos leigos implica a necessária atenção à formação básica cristã e, ao mesmo tempo, a uma atitude missionária de fidelidade ao espírito e à eclesiologia do Concílio Vaticano II, de modo a formar para o compromisso cristão na Igreja de hoje, sem nunca «esquecer que “o caráter secular é próprio e peculiar dos leigos” (LG 31) e que temos de suscitar cada vez mais cristãos que se dediquem à libertação dos outros (EN 38)».<sup>245</sup>

Promover caminhos que favoreçam a corresponsabilidade deve acontecer através de meios concretos de participação nas comunidades cristãs. Os organismos de participação são necessários para despertar a consciência missionária das comunidades, de modo a existir abertura para as necessidades do mundo de hoje, fazendo com que não fiquem fechadas em si próprias, mas que «olhemos todos juntos o mundo atual e escutemos sinceramente os apelos que hoje nos são feitos para a Igreja em saída, que mais não é que a dimensão missionária da fé cristã».<sup>246</sup>

Diante da realidade da Igreja de Aveiro, D. António Moiteiro sente que há necessidade de formação numa dimensão catequética e também missionária. Sem cristãos que façam uma caminhada de fé, através da catequese, e sem formação não é possível exercer uma ação missionária e evangelizadora nos tempos de hoje.

Ao concluir, sente-se que a Missão Jubilar, apesar das fragilidades identificadas, foi um momento marcante na vida e ação da Igreja diocesana e implicou uma vivência que abriu caminho a novos rumos, de modo a que o novo Bispo e os cristãos da Diocese pudessem trilhar caminhos para tornar o ser cristão mais vivo por terras de Aveiro.

---

<sup>245</sup> Ramos, *Conversão pastoral*, 238.

<sup>246</sup> Ramos, *Conversão pastoral*, 239.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, tendo como tema principal o caminho para a Missão Jubilar, procurou-se analisar, por um lado, o percurso e a história da Igreja diocesana de Aveiro, por outro lado, o caminho trilhado para a realização do projeto da Missão Jubilar, tendo presente os seus aspetos positivos e negativos.

Assim, perante os aspetos positivos da Missão Jubilar deve-se valorizar o caminho de discernimento realizado em Igreja. O discernimento aconteceu e foi fruto da reflexão e da implicação de toda a Diocese. O discernimento foi feito através da formulação da questão, da reflexão e da decisão, apresentando-se como momentos fulcrais de um caminho realizado em toda a Diocese. Sem escuta, sem partilha e sem diálogo não seria possível o discernimento.

Fruto da experiência da escuta, da partilha e do diálogo chegou-se à elaboração do projeto da Missão Jubilar. Este projeto foi resultado de um caminho conjunto, que implicou auscultação, proximidade, diálogo, partilha e reflexão em todos os arciprestados, serviços e movimentos apostólicos da Diocese.

Sinal desse caminho conjunto foi a criatividade, dinâmica e organização existente no “Missão 11”, onde, todos os dias 11 de cada mês, foram programadas ações concretas que implicavam todas as paróquias, movimentos, instituições, tendo-se pretendido que atingisse vários âmbitos da vida humana, mais concretamente a família e a cultura.

Se existiram aspetos positivos, também existiram aspetos negativos na Missão Jubilar. Deste modo, no processo de discernimento a oração não foi muito presente, apesar de ser referida a sua necessidade. Mais que deixar falar Deus no coração do homem, foi o homem que escutou, muitas vezes, a voz de outro homem. Sentiu-se a falta da oração como meio e modo de discernimento pastoral. Também no momento de execução do projeto da Missão Jubilar, a dimensão da oração não foi devidamente valorizada e expressiva.

Outro aspeto negativo centra-se na fragilidade da meta a atingir, por ser demasiado geral e por não ter acautelado devidamente a continuidade da Missão Jubilar.

Nem sempre as fragilidades foram coisas más. Deste modo, as fragilidades da Missão Jubilar foram compensadas pela ação pastoral do novo Bispo, que logo após a sua nomeação para Bispo de Aveiro, expressou a importância de se realizar um caminho de continuidade, desafiando a Diocese para a necessidade de ter atenção para com a formação dos cristãos, de modo especial dos agentes de pastoral e também a renovação da catequese que colocou em grande parte no centro da sua ação.

Neste sentido, e perante a realidade Diocesana e Nacional, D. António Moiteiro acentuou a necessidade de «“Em boa hora iniciarmos este processo de formação de catequistas

e de alteração no modo de transmitir a fé. Esta metodologia querigmática vai sendo confirmada com as orientações da Igreja, com o pensamento do Papa e com as necessidades reais da catequese hoje”, considera». <sup>247</sup>

Perante a realidade em que a Igreja se encontra, D. António Moiteiro manifesta a necessidade de que a Igreja precisa de se rever e aperfeiçoar a sua ação evangelizadora, começando pela renovação da catequese. Sente que a catequese não está a gerar cristãos, e, ao mesmo tempo, nota a existência de um fosso entre a fé vivida e professada. Esta realidade social em que a Igreja se encontra necessita de uma renovação para saiba ler os sinais dos tempos. Ao mesmo tempo, a catequese precisa uma maior qualidade e entusiasmo, para a dar resposta à realidade onde se encontra inserida. Para que isso possa acontecer é preciso sentir que formação cristã é uma necessidade para todos, seja enquanto agente de pastoral, no ministério de catequista ou noutra serviço, ou simplesmente enquanto cristão. Todo o cristão precisa de se formar para depois testemunhar quem é para si Jesus Cristo Ressuscitado, através do caminho de missão e evangelização. <sup>248</sup>

Assim, a formação deve ser uma prioridade na vida de todo o cristão, em geral, e do catequista, em particular, tal como nos refere o *Diretório para a Catequese*

«A formação do catequista compreende várias dimensões. A mais profunda refere-se ao *ser* catequista, ainda antes do *fazer* do catequista. Com efeito, a formação ajuda-o a amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo. Esta dimensão é hoje também entendida como *saber ser com*, o que torna evidente até que ponto a identidade pessoal é sempre uma identidade relacional. Além disso, para que o catequista desempenhe a sua função de maneira adequada, a formação estará atenta também à dimensão do *saber*, que implica uma dupla fidelidade à mensagem e à pessoa no contexto em que vive. Por fim, sendo a catequese um ato comunicativo e educativo, a formação não esquecerá a dimensão do *saber fazer*» (*DpC* 136).

Ao concluir ficamos com as palavras de D. António Moiteiro dirigidas aos catequistas e pais com filhos na catequese, onde expressa que a formação deve acontecer ao ritmo da iniciação cristã e da catequese de adultos, preferencialmente em pequenas comunidades, de maneira a que o ambiente seja favorável para o anúncio e reflexão sobre a vocação que o ser humano é interpelado a viver no matrimónio, na família, na Igreja e na sociedade. <sup>249</sup>

---

<sup>247</sup> António Manuel Moiteiro Ramos, «Os catequistas são centrais na transmissão da fé», *Igreja Aveirense*, nº 1 (2021): 51.

<sup>248</sup> Cf. António Manuel Moiteiro Ramos, «Dar novo impulso à catequese», *Igreja Aveirense*, nº 2 (2021): 9-16.

<sup>249</sup> Cf. António Manuel Moiteiro Ramos, «Dar novo impulso à catequese», 16.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Magistério

Bento XVI. *Deus é amor*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2006.

Clemente XIV. «*Militantis Ecclesiae gubernacula*». Em *Collecção dos Negocios de Roma no Reinado de El-Rei Dom José I, Ministerio do Marquez de Pombal, e Pontificado de Clemente XIV – 1769-1774*, editado pela Imprensa Nacional, Parte III: 315-317. Lisboa: s. ed., 1874.

Concílio Ecuménico Vaticano II. «Constituição dogmática sobre a Revelação Divina, (*Dei Verbum*)». *Documentos Conciliares e Pontifícios*. Braga: Editorial A.O., 1992: 219-234.

-----, «Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual, (*Gaudium et Spes*)». *Documentos Conciliares e Pontifícios*. Braga: Editorial A.O., 1992: 343-418.

-----, «Constituição dogmática sobre a Igreja, (*Lumen Gentium*)». *Documentos Conciliares e Pontifícios*. Braga: Editorial A.O., 1992: 57-116.

Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Diretório para a Catequese*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2020.

Francisco, «Discurso do Papa Francisco por ocasião da abertura da 70ª assembleia geral da Conferência Episcopal Italiana». Acedido a 17 de setembro de 2022.

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco\\_20170522\\_70assemblea-cei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/may/documents/papa-francesco_20170522_70assemblea-cei.html)

-----, «Discurso do Papa Francisco no Sínodo da Família 2015». Acedido a 17 de setembro de 2022.

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151005\\_padri-sinodali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151005_padri-sinodali.html)

-----, *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.

João Paulo II. «Discurso do Papa João Paulo II aos Bispos de Portugal da Província Eclesiástica de Braga por ocasião da visita “Ad Sacra Limina Apostolorum”». Acedido em 10 de agosto de 2022.

[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19921120\\_portogallo-ad-limina.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/november/documents/hf_jp-ii_spe_19921120_portogallo-ad-limina.html)

Pius XI. «Constitutio Apostolica Ayeirensis - Dioecesis Aveirensis». *Acta Apostolicae Sedis* 31, nº1 (janeiro de 1939): 5-8.

## 2. Livros

Apresentação Fernandes, Domingos da. *O primado da evangelização*. Aveiro: Secretariado da Catequese, 1962.

Diocese de Aveiro, *Congresso dos Leigos – Diocese de Aveiro*. Aveiro: Diocese de Aveiro, s.d.  
----- *Missão Jubilar*. Aveiro: Diocese de Aveiro, 2012.

----- *Sínodo Diocesano de Aveiro, Constituições do Bispado de Aveiro*. Aveiro: Tipografia Minerva, 1944.

----- *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. Aveiro: Diocese de Aveiro, 1995.

Gaspar, João Gonçalves. *Diocese de Aveiro – Subsídios para a sua história*. Aveiro: Diocese de Aveiro, 2014.

----- *Os Bispos de Aveiro e a Pastoral Diocesana*. Aveiro: Diocese de Aveiro, 2007.

Lanza, Sergio. *Convertire Giona. Pastorale como progetto*. Roma: OCD, 2008.

Leal, Sérgio. *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2021.

Lima Vidal, D. João Evangelista de. *Pelo Seminário*. Cucujães: Escola Tipográfica das Missões, 1938.

Marcelino, António Baltasar. «Abertura dos trabalhos sinodais». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 261. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- «Decreto de Proclamação». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 1-3. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- «Encerramento do Congresso dos Leigos». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 256-260. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- «Homília de encerramento do Sínodo». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 327-332. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- «Hora de ação de graças e de envio». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 269-271. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- . «Igreja de Aveiro ao serviço de Deus e dos homens». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 262-268. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- . «Saudação Pastoral». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 239-252. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

----- . «Vivei a experiência do Sínodo no vosso dia a dia». *II Sínodo Diocesano de Aveiro – 1990-1995*. 284-288. Aveiro, Diocese de Aveiro, 1995.

Melo, Francisco. *A Paróquia tem futuro? – Para uma Paróquia geradora de quotidiano cristão em Aveiro – Do II Sínodo Diocesano aos nossos dias*. Aveiro: Tempo Novo Editora, 2017.

Moiteiro Ramos, António Manuel. *Conversão pastoral – desafios pessoais e comunitários*. Aveiro: Tempo Novo Editora, 2022.

Morais Silva, António de. «Discernimento». Em *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, editado pela editorial Confluência. 10ª ed., vol. 4: 92. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1952.

Rocha, Georgino, *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*. I. Aveiro: Centro de Ação Pastoral, 1990.

----- . *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*. II. Aveiro: Centro de Ação Pastoral, 1990.

----- . *Ação Pastoral da Diocese de Aveiro*. III. Aveiro: Centro de Ação Pastoral, 1993.

----- . *Igreja Sinodal – A alegria da missão na sociedade secularizada*. Aveiro, Tempo Novo Editora, 2015.

Rodrigues, Luís M. Figueiredo. *E a Palavra continua a encarnar*. Lisboa: Escrytos, 2021. Kindle.

Santos, António Francisco dos. *In manus Tuas*. Aveiro: Tempo Novo, 2017.

### **3. Revistas**

Alves, João. «Viver a semana dos Seminários em contexto da Missão Jubilar Diocesana». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2012): 95-97.

Apresentação Fernandes, Domingos da. «Exortação sobre a catequese e comunhão solene das crianças». *Correio do Vouga* 28, nº 1398 (maio de 1958): 5.



Fares, Diego. «O Papa Francisco e o discernimento [Espaço Vita, 20 de março de 2018]». Braga, 2018. [http://www.youtube.com/watch?v=\\_KONkwO9MKA](http://www.youtube.com/watch?v=_KONkwO9MKA).

Lanza, Sergio. «Teologia pastorale». Em *La Teologia del XX secolo un bilancio. 3. Prospettive pratiche*, editado por Giacomo Canobbio e Piero Coda, 393–476. Roma: Città Nuova, 2003.

Melo, Francisco. «A Igreja de Aveiro em missão». *Síntese*, nº 223 (novembro/dezembro 2013): 27-32.

------. «Dia da Memória [Sé de Aveiro, 11 de dezembro de 2013]». Aveiro, 2013. <http://www.youtube.com/watch?v=hYIDfkPrkac>.

------. «Diocese de Aveiro em missão de jubilo». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2012): 80-82.

Moiteiro Ramos, António Manuel. «Dar novo impulso à catequese». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2021): 9-16.

------. «Homilia proferida por D. António Moiteiro». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2014): 47-51.

------. «Mensagem de saudação à Igreja de Aveiro». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2014): 16-17.

------. «Os catequistas são centrais na transmissão da fé». *Igreja Aveirense*, nº 1 (janeiro/junho 2021): 50-51.

------. «Rezem por mim e pela minha missão». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2014): 22-25.

Negócios Eclesiásticos, Direção Geral dos. «Execução das Letras Apostólicas de Sua Santidade a respeito da redução e nova circunscrição das Dioceses do Continente do Reino». *Diário do Governo* 208, (setembro de 1882): 2317-2331.

Santos António Francisco dos. «A Missão Jubilar Diocesana deve envolver todos os cristãos». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2008): 53-67.

------. «Convocatória para a Missão Jubilar». *Igreja Aveirense*, nº 1 (janeiro/junho 2012): 23-24.

------. «Entrevista». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2012): 83-87.

------. «Homilia no Dia da Memória». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2013): 116-120.

------. «Mensagem à Diocese». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2013): 23-27.

----- . «Mensagem no Dia da Missão». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2013): 106-113.

----- . «Plano Diocesano de Pastoral». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2008): 69-70.

----- . «Quero trabalhar confiadamente, sem cansaço nem desânimo». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2006): 121-125.

----- . «Saudação à Diocese de Aveiro». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2006): 95-99.

Vigarraria da Pastoral Geral. «Dia do Deserto». *Igreja Aveirense*, nº 1 (janeiro/junho 2013): 141-144.

----- . «Génesis – Início solene e festivo da Missão Jubilar». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2012): 70-71.

----- . «Nova hora na vida da Igreja diocesana». *Igreja Aveirense*, nº 2 (julho/dezembro 2012): 71-72.